

O  
PREGADOR  
E  
A  
ORAÇÃO

**E. M. Bounds**

**Edições Cristãs**

# 1

*“Estude a santidade universal da vida. Sua utilidade depende inteiramente disto porque seus sermões, afinal de contas, duram apenas uma ou duas horas, mas sua vida prega a semana inteira. Se Satanás pode nem que seja tão somente fazer de você um ministro indigno, amante de louvores, de prazeres, de boas comidas, então tem arruinado seu ministério. Entregue-se à oração e consiga seus textos, seus pensamentos e suas palavras de Deus. Lutero empregou suas três melhores horas diariamente em oração”*

**Robert Murray Mc Cheyne**

Estamos constantemente ocupados e esforçados em desenvolver novos métodos, novos planos, novas organizações, para fazer a Igreja avançar na pregação do Evangelho.

Esta maneira de agir em nossos dias tem a tendência de perder de vista o homem ou a fazê-lo desaparecer no meio de uma organização.

O plano de Deus tem muito a ver com o homem, muito mais dele do que de qualquer outra coisa.

Os homens são o método de Deus. Mas a Igreja está buscando métodos melhores.

“Houve um homem de Deus chamado João” (João 1.6).

A dispensação na qual ele preparou o caminho para Cristo está ligada a este homem João. “Um menino nos nasceu, um Filho se nos deu” (Isaías 9.5-6). A salvação do mundo vem por este menino nascido. Quando Paulo apela ao caráter pessoal dos homens que introduziram o Evangelho no

mundo, explica o mistério do seu êxito. A glória e a eficiência do Evangelho estão depositadas no Evangelho que eles proclamam. Quando Deus declara que “os olhos do Senhor estão em todo lugar” (Provérbios 15.3) declara a necessidade dos homens e sua dependência deles como um canal através do qual se desenvolve seu poder através do mundo.

Esta verdade urgente e vital é a que esta época da maquinaria está pronta a esquecer. O seu esquecimento é tão mortífero na Obra de Deus como o seria a retirada do sol de sua esfera de ação. Escuridão, confusão e morte seriam o resultado.

O que a Igreja precisa em nossos dias não é mais um melhor mecanismo, nem novas organizações, nem mais de modernos métodos, mas ela precisa de homens que possam ser usados pelo Espírito Santo, homens de oração, homens poderosos na oração. O Espírito Santo não flui através de métodos, mas através de homens. Ele não veio através de mecanismos, mas através de homens. Ele não unge planos, mas unge homens, homens de oração.

Um eminent historiador já disse que os incidentes de caráter pessoal, são mais a ver com as revoluções das nações do que qualquer outro meio que os historiadores filosóficos e políticos democráticos querem admitir.

Esta verdade tem sua aplicação plena no Evangelho de Cristo. O caráter e a conduta dos seguidores de Cristo é que cristianizam o mundo, transfigurando as nações e os indivíduos. Isto é eminentemente certo com respeito aos pregadores do Evangelho.

O caráter, assim como o progresso do Evangelho, estão confiados ao pregador. Ele faz ou desfaz a mensagem de Deus ao homem. O pregador é o canal previsto através do qual flui o azeite divino. O canal deve ser bem aberto e sadio para que o azeite possa fluir plenamente, ininterruptamente e sem perda.

O homem faz o pregador. Deus deve fazer o homem. O mensageiro é, se possível, mais que a mensagem. O pregador é mais do que o sermão. O pregador faz o sermão.

Assim como o leite do seio materno que dá vida, é a vida que vem da mãe, assim tudo o que o pregador diz está impregnado do que é o pregador é.

O tesouro está em vasos de barro e o gosto do barro pode impregná-lo e desqualificá-lo. O homem, o ser inteiro, está por trás do sermão.

A pregação não é resultado de uma hora de preparação. É a manifestação de uma vida. Necessitam-se vinte anos para fazer um sermão porque necessitam-se vinte anos para fazer um homem. O verdadeiro irmão é o resultado de uma vida inteira. O sermão cresce porque o homem cresce. O sermão é poderoso porque o homem é poderoso. O sermão é santo porque o homem é santo. O sermão é cheio da unção divina porque o homem é cheio da unção divina.

Paulo o designou como “meu Evangelho” não porque o tinha degradado por sua excentricidade pessoal e desviado por sua apropriação egoísta. Mas porque o Evangelho foi posto no coração e na alma do homem Paulo com uma confiança pessoal que devia ser executada por suas características paulinas para ser inflamado e potencializado pela fogosa energia de sua alma ardente.

E os sermões de Paulo, o que foram? E onde estão? Esboços, fragmentos diversos, flutuando no ar da inspiração! No entanto, o homem Paulo, maior que os seus sermões, vive para sempre com sua mão modeladora na Igreja. A pregação é uma voz. A voz no silêncio morre, o texto se esquece, o sermão foge da memória, mas o pregador vive.

O sermão não pode dar mais vida que a que tem o homem que a produz. Os homens mortos dão sermões mortos e os sermões mortos matam. Tudo depende do caráter espiritual do pregador.

Sob a dispensação judaica, o Sumo Sacerdote tinha em sua testa uma lâmina de ouro onde estavam escritas as palavras “Santidade ao Senhor” (Êxodo 28.36).

Assim também, todo pregador no ministério de Cristo deve ser modelado e dirigido por esta mesma divisa santa. É vergonhoso para o ministério cristão um padrão de santidade menor que o do sacerdócio judaico.

Jonathan Edwards disse: “Eu continuei com meus desejos de conseguir mais santidade e conformidade com Cristo. O céu que eu desejava era o céu de santidade”.

O Evangelho de Cristo não tem ondas populares. Não tem poder próprio para propagar-se. Move-se da maneira que os homens encarregados dele se movem. O pregador deve personificar o Evangelho. Sua Divindade, seu rasgo mais característico, deve estar incorporado nele.

O poder constrangedor do amor deve ser no pregador, como uma força de projeção excêntrica que em tudo o domina. A energia da negação de si mesmo deve ser seu ser, seu coração, seu sangue e seus ossos.

Deve estar entre os homens revestidos de humildade; vivendo em mansidão prudente como uma serpente e simples como uma pomba; as obrigações de um servo com o espírito de um rei, um rei com porte nobre, real e independente, com a simplicidade e a docura de uma criança.

O pregador deve abandonar-se a si mesmo, com todo o abandono de uma perfeita falta de fé em si mesmo e um perfeito zelo que o consome em sua obra de salvação dos homens.

Sinceros, heroicos, compassivos, sem temor ao martírio, assim devem ser os homens que assumem a obra de modelar uma geração para Deus.

Se eles forem tímidos contemporizadores, à procura de honras, se tratam de agradar ao homem ou temem ao homem, se sua abnegação que quebranta se quebranta por qualquer fase de si mesmos ou do mundo, então eles não poderão influenciar na Igreja e nem no mundo para Deus.

A pregação mais potente e severa do pregador deve ser para si mesmo. Sua obra mais delicada, laboriosa e cabal deve ser consigo mesmo. A instrução dos doze foi a grande, paciente e difícil obra de Cristo. Os pregadores não são montadores de sermões, mas fazedores de homens, de santos, e somente está bem exercitado para esta obra quem já é um homem e um santo.

Não são grandes talentos, nem elevada erudição, nem grandes pregadores de que Deus necessita, mas homens grandes em santidade, grandes na fé, grandes em amor, grandes em fidelidade, grandes para com Deus - homens que sempre pregam sermões santos no púlpito e que vivem vida santa fora do púlpito. Esses homens sim, poderão modelar uma geração para Deus.

Eis aqui a ordem em que foram formados os primeiros cristãos. Foram homens de sólido molde, pregadores do tipo celestial - heroicos, fortes, militantes e santos. Pregaram por meio de uma negação de si mesmos, crucificaram o eu. Eram grandes, laboriosos, mártires do seu eu. Aplicaram-se ao labor de tal maneira que impressionaram a sua geração e formaram em seu seio uma geração que ainda não tinha nascido para Cristo.

O homem que prega deve ser um homem de oração. A oração é a arma mais poderosa do pregador. É uma força onipotente que de si mesma dá vida e força em tudo.

O sermão real é feito na câmara secreta. O homem - o homem de Deus - é feito na câmara secreta. Suas convicções profundas nasceram numa comunhão secreta com Deus. Na opressão e na agonia chorosa do seu espírito, suas mais

importantes e mais doces mensagens, foram adquiridas quando esteve a sós com Deus. A oração faz o homem; a oração faz o pregador; a oração faz o pastor.

O púlpito de nossos dias é fraco em oração. O orgulho da erudição está em luta com a humildade dependente da oração. A oração no púlpito, geralmente é tão somente oficial, um incidente na rotina do culto.

A oração não é, para ao púlpito moderno, a força poderosa que foi na vida e no ministério de Paulo.

Todo pregador que não faz da oração um fator poderoso em sua própria vida e ministério é fraco como força na obra de Deus e é falto de poder para projetar a causa de Deus no mundo.

.oOo.

## 2

*“Acima de tudo, sobressaiu em oração. A familiaridade e o valor do seu espírito, a reverência e a solenidade de suas palavras, muitas vezes, impressionaram até os estranhos, deixando-os admirados, ao mesmo tempo que traziam consolação a outros. A mais importante e reverente disposição de ânimo que eu já senti era em sua oração. E verdadeiramente era um testemunho. Conheceu e viveu mais perto do Senhor do que outros homens, porque os que mais O conhecem verão mais motivos de aproximar-se dEle com reverência e temor”*

**William Penn**

**a respeito de George Fox**

Os mais doces privilégios, devido a uma ligeira perversão, podem redundar em frutos amargos. O sol dá vida, mas as insolações são mortais. A pregação é para dar vida, mas ela pode matar.

O pregador tem a chave; ele pode fechar ou abrir. A pregação é uma grande instituição de Deus para a plantação e o amadurecimento da vida espiritual. Quando é corretamente executada, seus benefícios são incalculáveis; caso contrário, nenhum mal pode exceder seus resultados danosos.

É um assunto fácil destruir o rebanho se o pastor é um imprevisível ou se o pasto é destruído. É fácil capturar a cidade se a sentinela dorme ou se o alimento e a água são envenenados.

Investido com tais prerrogativas, exposto a tão graves males, implicando tão graves e múltiplas responsabilidades, seria uma paródia na astúcia do Diabo e um libelo em seu caráter e reputação, se ele não influenciasse para adulterar a pregação e prejudicar o pregador. Diante de tudo isso, eis a pergunta exclamatória de Paulo: “Quem é suficiente para estas coisas?” (2 Coríntios 2.16). Nunca é demais nos perguntarmos isto. E Paulo responde: “Nossa suficiência vem de Deus”.

O verdadeiro ministério é influenciado por Deus, é capacitado por Deus, é feito por Deus. O Espírito de Deus é no pregador um Espírito de unção, e o fruto do Espírito está em seu coração; o Espírito de Deus tem vitalizado o homem e sua palavra; sua pregação dá vida, como a ressurreição dá vida; dá vida ardente como o verão dá vida ardente; dá vida frutífera como o outono dá vida frutífera.

O pregador que dá vida é um homem de Deus, cuja alma está seguindo sempre diligentemente a Deus; cujo olho é só para Deus; e em quem, é o poder do Espírito de Deus, a carne e o mundo têm sido crucificados e seu ministério é semelhante ao generoso fluxo de um rio que dá vida.

A pregação que mata é a pregação não espiritual. A habilidade de tal pregação não é de Deus. Fontes inferiores que não são de Deus lhe dão a energia e estímulo. O Espírito não é evidente neste pregador e nem nesta pregação.

Muitos tipos de forças podem ser estimuladas e projetadas pela pregação que mata, mas estas não são forças espirituais. Podem parecer espirituais, mas são apenas a sombra, são forças fingidas, por parecer que têm vida, mas a vida está magnetizada.

A pregação que mata é a pregação da letra; pode ser bela e metódica, mas continua sendo letra, letra árida, letra dura; é casca vazia.

A letra pode ter o germe da vida nela, mas não tem alento para produzi-la; é semente de inverno tão dura como o terreno de inverno; tão gelada como o ar de inverno; não há degelo e nem germinação para ela.

Esta pregação da letra tem a verdade. Mas, ainda que seja a verdade divina, não tem a energia que dá vida; deve ser vigorizada pelo Espírito, com todas as forças de Deus na sua retaguarda.

A verdade não vivificada pelo Espírito de Deus amortece tanto ou mais do que o erro. Pode até ser a verdade sem mistura, mas, sem o Espírito, sua sombrae influência são mortais; sua verdade, erro; sua luz, trevas.

A pregação da letra é sem unção, não regada pelo Espírito. Podem haver lágrimas, mas as lágrimas não podem fazer andar a obra de Deus; as lágrimas podem apenas ser um vento de verão sobre uma montanha de neve; só

resultando uma superfície com neve derretida. Pode haver sensação, mas é a emoção do ator e o ardor do procurador.

O pregador pode sentir o entusiasmo de seu próprio ardor passageiro; cérebro e nervos podem fingir a obra do Espírito de Deus e, por estas forças, a letra pode arder e brilhar como um texto iluminado, mas o brilho e o resplandor serão tão estéreis de vida como um campo semeado de pérolas.

O elemento da morte estará por trás das palavras, por trás do sermão, por trás da ocasião, por trás dos gestos, por trás da ação. O grande obstáculo está com o próprio pregador. Ele não tem a força poderosa que cria a vida.

Talvez não falte com a ortodoxia, honradez, limpeza ou ardor, mas, de alguma maneira, o homem, o homem interior, no seu íntimo, nunca se tenha humilhado e se tenha rendido totalmente a Deus. Sua vida interior não é um caminho real para a transmissão da mensagem de Deus, do poder de Deus.

De alguma maneira, o eu e não Deus, governa no lugar santíssimo. Em alguma parte do todo, talvez inconscientemente, algum não condutor espiritual tenha atacado seu interior e a corrente divina tenha sido retida. Seu ser interior nunca sentiu sua completa ruína espiritual, sua total impotência; talvez nunca tenha aprendido a clamar com clamor inefável de desespero de si mesmo, até que o poder de Deus se tenha manifestado sobre ele, purificando-o, enchendo-o e dando-lhe poder.

A própria estima, a própria habilidade, de alguma forma perniciosa, tem difamado e violado o templo que deveria ter sido mantido sagrado para Deus.

A pregação que dá vida custa muito ao pregador: a morte do eu, a crucificação com o mundo, o desengano com a própria alma.

Somente a pregação crucificada pode dar vida. A pregação crucificada somente pode ser feita por um homem crucificado.

.oOo.

## 3

*“Durante esta aflição, fui levado a examinar minha vida em relação à Eternidade com mais atenção do que o tinha feito quando estava com saúde. Neste exame, em relação a meus deveres como ministro cristão e oficial da Igreja fui aprovado por minha consciência, mas, em relação ao meu Redentor e Salvador, o resultado foi diferente. A frialdade do meu amor para com Ele me confundiu. Eu tinha declinado do primeiro zelo e amor para com Ele. Eu estava confundido e humilhado, implorando misericórdia e esforçando-me a dedicar-me sem reservas ao Senhor”.*

### **Bispo McKendree**

A pregação que mata pode ser, e geralmente é, ortodoxa dogmaticamente e inviolavelmente ortodoxa. Amamos a ortodoxia. É boa. É o melhor. É o reto e certo ensino da Palavra de Deus; os troféus obtidos pela verdade em seu conflito com o erro; os diques que fé bem arrumada, bem apresentada e bem aprendida, letra que mata.

Nada é tão morta como um ortodoxia morta, demasiado morta para meditar, para ensinar, para estudar, para orar.

A pregação que mata pode ter conhecimento e alcance de princípios, pode ser estudada em cada derivação ou gramática da letra; pode ser capaz de dispor a leu em seu perfeito desenho; pode ser iluminada como podem ser iluminados Platão e Cícero; pode ser estudada como um

advogado estuda seus livros de texto para formar um sumário ou para defender seu caso; no entanto, ela pode ser semelhante ao gelo homicida.

A pregação da letra pode ser eloquente; esmaltada com a poesia e a retórica; pode ser orvalhada com a oração e amadurecida com a sensação; iluminada pelo gênio e, no entanto, apesar de tudo isto, ser tão somente o puro e custoso equipamento, as bonitas e formosas flores que cobrem o féretro de um cadáver.

A pregação que mata pode ser sem erudição, isenta de qualquer formosura ou sensibilidade, vestida de insípidas das generalidades, com estilo irregular, descuidada, sem os indícios de câmara secreta nem de ter sido estudada, nem adornada com pensamentos, expressões ou oração. Sob tal pregação, quão ampla e total é a desolação! Quão profunda é a morte espiritual!

Esta pregação da letra tem a ver com a superfície ou sombra das coisas e não com as próprias coisas. Ela não penetra na parte interior. Não tem profundo conhecimento interno e nem forte alcance da vida escondida na Palavra de Deus.

Ela é verdade na aparência, mas a aparência é apenas a casca, casca que deve ser quebrada para obter-se a amêndoia.

A letra pode estar vestida para atrair e ser elegante, mas sua atração não é para Deus, nem a sua elegância é para o céu. A culpa está no pregador. Deus não o tem efeito. Ele nunca esteve nas mãos de Deus, como o barro nas mãos do oleiro.

O pregador tem estado muito ocupado com o sermão, suas divisões e sua conclusão, seus enfeites e nas expressões para impressionar, mas as coisas profundas de Deus nunca têm sido procuradas, estudadas, sondadas, experimentadas por ele.

Tal pregador nunca se deteve perante “o trono santo e sublime”, nunca ouviu o canto dos serafins, nunca teve a visão nem sentiu o ímpeto daquela sublime santidade e nunca clamou em absoluto abandono e desespero sob a sensação de sua própria fraqueza e culpa, tendo sua vida renovada, seu coração tocado e inflamado pelo carvão ardente proveniente do altar de Deus.

Seu ministério pode atrair o povo para ele, ou para a sua igreja e para as suas cerimônias, mas, na realidade, não atrai para Deus, e não induz à doce, santa e divina comunhão com Deus.

A igreja tem sido refrescada, mas não edificada; agradada, mas não santificada. A vida tem sido suprimida; no ar há um frio vento de verão; a cidade de nosso Deus vem a ser a cidade da morte; a igreja, um cemitério e não um exército em batalha. O louvor e a oração são deixados de lado; a adoração está morta.

O pregador e a pregação então têm ajudado ao pecado, não à santidade; tem povoad o inferno, mas não o céu.

A pregação que mata é a pregação sem oração. Sem oração, o pregador cria a morte e não a vida.

O pregador que é fraco na oração, é fraco também em dar forças de vida. Há e haverá oração profissional, mas esta ajuda a pregação a fazer sua obra de morte. A oração profissional esfria e mata, ao mesmo tempo, a pregação e a oração.

Grande parte da fraca devoção e de atitudes irreverentes nas reuniões de oração podem ser atribuídas à oração profissional podem ser atribuídas à oração do púlpito. Longas, discursivas e secas são as orações em muitos púlpitos. Sem unção no coração, elas agem como um gelo mortal na adoração. São orações que cheiram a morte. Todo vestígio de devoção sucumbiu perante elas. Quanto mais mortas são, mas compridas elas se fazem. A oração no

púlpito deve ser curta, viva, de coração, verdadeira, guiada pelo Espírito Santo - direta, específica, ardente, simples.

Uma escola para ensinar os pregadores a orar como Deus deseja a oração seria mais benéfica para a verdadeira piedade, verdadeira adoração e a verdadeira pregação do que todas as escolas teológicas. Alto! Pare! Reflexione! Onde estamos? Que estamos fazendo? Pregamos para matar? Oramos para matar? Ou estamos orando a Deus, o grande Criador de todos os mundos, o Juiz de todos os homens? Que reverência Ele exige! Que simplicidade! Que sinceridade! Que verdade nas partes mais íntimas do ser Ele exige! Quão verdadeiros devemos ser! Quão sinceros! Orar a Deus é o mais nobre exercício espiritual, o mais elevado esforço do homem! Devemos considerar para sempre maldita a pregação que mata e a adoração que mata e torná-las uma coisa real, mais poderosas - a oração cheia de oração, a pregação criadora de vida - a oração mais poderosa no céu e na terra que atrai os abertos e inesgotáveis tesouros de Deus para as necessidades espirituais do homem.

.oOo.

## 4

*“Permita-se-nos olhar para Brainerd nos bosques da América, derramando sua alma a Deus a favor dos pagãos perdidos, sem cuja salvação nada o poderia fazer feliz. Oração secreta e fervorosa, oração crente, é a raiz de toda piedade pessoal. Um temperamento suave e permissivo, um coração que se entrega a Deus em comunhão secreta é isto que nos prepara para sermos instrumentos de Deus na grande obra da redenção humana”*

**Irmandade de Carey  
em Serampore**

No ministério há duas tendências extremas. A primeira é encerrar-se em si mesmo, deixando toda a comunicação com o povo. O monge, o eremita são ilustrações disto E eles se encerram, afastando-se dos homens, para estarem mais com Deus. Naturalmente, eles fracassaram.

Nossa comunhão com Deus, só é de utilidade quando podemos empregar Seus maravilhosos benefícios para o bem dos homens.

Nossos dias, nem da parte do pregador nem do povo em geral, são muito cuidadosos acerca de Deus. Nossa ansiedade não nos atrai a isto. Encerramo-nos para o nosso estudo, chegamos a ser estudiosos da Bíblia, fazedores de sermões, notáveis na literatura, pensamentos e sermões.

Entretanto, e o povo? E Deus? Onde estão? Longe do coração, longe da mente. Os pregadores que são grandes pensadores, grandes estudantes, devem ser grandes homens de oração ou então serão os maiores apóstatas profissionais sem oração, racionalistas, serão menos que o menor de todos os pregadores na estima de Deus.

A outra tendência é a de popularizar inteiramente o ministério. Consequentemente, o pregador não é mais um homem de Deus, mas é um homem de ação, do povo. Não ora porque a sua missão é para com o povo. Se ele pode mexer com o povo, criar um interesse na obra da sua igreja, então está satisfeito.

Sua relação pessoal para com Deus não é um fator na sua obra. A oração tem pouco ou nenhum lugar em seus planos. O desastre e a ruína em tal ministério não pode ser contabilizado pela aritmética terrena.

Conforme o que o pregador é em oração perante Deus, por si mesmo será por seu povo, tal é o seu poder para o bem real dos homens, tal é a sua verdadeira frutificação, sua verdadeira fidelidade para com Deus e para com os homens, em função da Eternidade.

É impossível para o pregador preservar um espírito em harmonia com a natureza divina de seu elevado chamado sem muita oração. A ideia de que o pregador, em função de seu dever e fidelidade e labor com a obra do ministério pode conservar-se em bom estado de idoneidade, é um erro terrível. O fazer sermões incessantemente, mesmo caprichando-os, como um dever, como uma obra ou como um prazer, absorverá e endurecerá o coração, se negligenciamos na oração. O cientista perde a Deus no natureza. O pregador perde a Deus em seu sermão.

A oração refresca o coração do pregador, preserva-o em harmonia com Deus e em simpatia com o povo, levanta um ministério fora do frio do ar de sua profissão, frutifica as rotinas diárias e move cada roda com a facilidade e o poder da unção divina.

O senhor Spurgeon disse: “O pregador deve ser, acima de todos os crentes, distinguido como um homem de oração. Ele deve orar como um cristão normal, senão seria um hipócrita. Ele deve orar mais do que um cristão normal, senão seria desqualificado para o serviço que desenvolve. Se vocês, como, ministros, não são homens de oração são merecedores de compaixão. Se vocês são folgados na devoção sagrada não somente vocês precisam de compaixão, mas também a sua congregação. E o dia chegará quando vocês serão envergonhados e confundidos. Todas as nossas bibliotecas e estudos são mera vacuidade comparadas com nossas câmaras secretas de oração. Nosso tempo de jejum e de oração no Tabernáculo têm sido maravilhosos; nunca as portas do céu têm sido mantidas mais abertas e nosso coração nunca se tem sentido mais perto da Glória eterna”.

A oração que faz um ministério não é pouca oração, adicionada como um condimento para dar-lhe sabor agradável, mas a oração deve ser o corpo, o sangue e os ossos de um ministério.

A oração não é um dever pequeno, a ser deixado num canto. Nem um trabalho feito de fragmentos de tempo que têm sido tirados dos negócios e outras responsabilidades da vida. O melhor de nosso tempo, o coração de nosso tempo e de nossa força deve ser usado na oração.

Isto não quer dizer que a comunhão secreta fique absorvida no estudo ou nas atividades dos deveres ministeriais. Isto quer dizer que, primeiro, a comunhão secreta e, depois, o estudo e as atividades e assim, ambas, estudos e atividades, devem ser refrescados e tornados eficientes pela comunhão secreta.

A oração não é o pequeno atavio preso sobre enquanto estivermos presos à saia da mãe; também não é uma ação de graças de alguns minutos feita antes de uma refeição de uma hora. A oração é a obra mais séria de nossos mais sérios anos. Emprega mais tempo do que nossas grandes festas ou refeições.

Deve-se dar muita importância à oração que valoriza a nossa pregação. O caráter de nossa oração determinará o caráter de nossa pregação. Oração ligeira, pregação ligeira.

A oração fará forte a pregação, dando-lhe unção e fazendo com que seja aceita. Em todo ministério importante para o bem, a oração tem sido sempre uma ocupação séria.

O pregador deve ser pre eminentemente um homem de oração. Seu coração deve-se formar na escola de oração. É somente nesta escola que o coração aprenderá a pregar. Nenhuma erudição pode suprir a falta de oração. Nenhum zelo, ou diligência, ou estudo, ou dons, suprirá sua necessidade.

Falar aos homens acerca de Deus é uma grande obra, mas falar a Deus acerca dos homens ainda é maior. Nunca falará bem e com real êxito aos homens acerca de Deus aquele que não aprendeu bem a falar de Deus aquele que não aprendeu bem a falar de Deus acerca dos homens.

Mas do que isto, palavras sem oração no púlpito e fora dele são palavras mortíferas.

.oo.

## 5

*“Você conhece o valor da oração. É preciosa acima de qualquer preço. Nunca, nunca se descuide dela”*

**Sir Thomas Buxton**

*“A oração é a primeira coisa, a segunda coisa, a terceira coisa necessária para um ministro. Ore, pois, meu querido irmão, ore, ore, ore”*

**Edward Payson**

A oração, na vida do pregador, no estudo do pregador, no púlpito do pregador, deve ser uma força visível e fecundante e um ingrediente impregnante em tudo. Não deve ocupar um lugar secundário; não deve ser um simples verniz.

É-lhe dado olhar para o seu Mestre que, “tendo-se levantado alta madrugada, foi para um lugar deserto e ali orava” (Marcos 1.35).

O estudo do pregador é necessário, seja numa câmara secreta, ou num Betel, ou num altar, ou numa visão. Que cada pensamento possa subir até o céu antes de ser transmitido aos homens; que cada parte do sermão possa ser perfumada pelo ar celestial porque Deus esteve no estudo.

Da mesma maneira como o motor não se move enquanto o fogo da caldeira não se acenda, assim também a pregação, com todas as suas fases, perfeição e polimento, deve estar completamente paralisada, quanto aos resultados espirituais,

até que a oração tenha criado o vapor necessário para sua execução.

O texto e a delicadeza do sermão são muitas vezes apenas entulho, a não ser que o impulso poderoso da oração esteja nele e por trás dele.

O pregador, deve, pela oração, pôr Deus em seu sermão. O pregador deve, pela oração, mover Deus rumo ao povo, antes que ele possa mover o povo rumo a Deus, por meio de suas palavras. O pregador deve ter tido audiência e constante acesso a Deus, antes que ele possa ter acesso ao povo. Um caminho aberto a Deus para o pregador é a mais segura garantia de um caminho aberto ao povo.

É necessário repetir constantemente que a oração, como um simples hábito, como o cumprimento de uma rotina ou de uma maneira profissional é coisa morta e podre. Tal oração não tem nada a ver com a oração que apresentamos.

Estamos enfatizando a verdadeira oração, aquela que coloca sobre o fogo do altar cada elemento do pregador; aquela que é nascida de uma vital unidade com Cristo e da plenitude do Espírito Santo; aquela que brota do profundo, superabundando em fontes de terna compaixão e solicitude pelo bem eterno do homem; aquela que tem um zelo consumidor pela glória de Deus, que tem uma total convicção da dificuldade me da delicadeza da obra do pregador e da necessidade imperativa da mais poderosa ajuda de Deus.

A oração baseada nessas solenes e profundas convicções é a única oração verdadeira. E a pregação respaldada por esta oração é a única pregação que semeia a semente da vida eterna nos corações humanos e prepara os homens para o céu.

É verdade que pode haver pregação popular, pregação agradável, pregação atrativa, pregação mui intelectual e literária com boa apresentação do bem, com pouca ou nada de oração, mas a pregação que assegura o propósito de Deus

na pregação deve ser nascida da oração desde a introdução até a conclusão e exposta com a energia e o espírito de oração.

E, ainda, acompanhada nos corações dos ouvintes pelas orações do pregador, bem depois da pregação ter sido realizada. Podemos desculpar a pobreza espiritual de nossa pregação de muitas maneiras, mas, o verdadeiro segredo se encontrará na falta de oração na presença de Deus no poder do Espírito Santo.

Há muitos pregadores que podem expor seus excelentes sermões em perfeita ordem, mas seus efeitos são de curta duração e não entram nas regiões do espírito, onde a terrível guerra entre Deus e Satanás, o céu e o inferno, está desenvolvendo-se, porque não são feitos poderosos militantes e espiritualmente vitoriosos pela oração.

Os pregadores que conseguem grandes resultados para Deus são homens que têm prevalecido em suas orações com Deus antes de aventurar-se em suas súplicas com os homens. Os pregadores que são mais poderosos em suas câmaras secretas com Deus são mais poderosos em seu púlpito com os homens..

Os pregadores são pessoas humanas e estão expostos a ser muitas vezes, levados pelos impulsos das fortes correntes humanas.

A oração é uma obra espiritual e a natureza humana não admite tal árdua tarefa espiritual. A natureza humana deseja navegar rumo ao céu sob o impulso de uma brisa favorável, num mar cheio e calmo.

A oração é uma obra humilhante. Abate o intelecto e o orgulho, crucifica a vangloria e demonstra nossa derrocada espiritual e tudo isto, para a carne, é difícil de suportar. É mais fácil não orar do que suportar esta humilhação.

Assim, chegamos a um dos maiores males de nosso século e talvez seja de todos os séculos; pouco ou nada de oração. Pouca oração é fingir, é um salvo-conduto para a consciência, uma farsa e um engano.

A pouca consideração que temos pela oração é evidente pelo pouco tempo que reservamos para ela. O tempo dado à oração, por um pregador normal, apenas está entre as coisas daquele dia. Não é raro que a única oração do pregador seja quando está de pijama, junto ao seu leito, pronto para deitar-se e, talvez, com algumas adições de apressadas palavras numa outra oração ao vestir-se na manhã seguinte.

Como é débil, fraca e vã a tal oração! Comparemo-la com a energia e tempo dedicados à oração pelos homens santos na Bíblia e em nossos dias! Como é pobre e mesquinha nossa pequena e pueril oração quando comparada com os verdadeiros homens de Deus em outros tempos!

Para os homens que encaram a oração como sua principal ocupação e que dedicam a ela o seu tempo, segundo sua compreensão do valor dela, aos tais Deus entrega as chaves do Seu Reino e, por meio deles, opera Suas maravilhas espirituais neste mundo.

Grande oração é sinal e marca dos grandes caudilhos de Deus e do ardor das forças conquistadoras com que Deus coroará o seu trabalho.

O pregador é comissionado a orar, tanto quanto a pregar. Sua missão é incompleta se não fizer ambas as coisas bem. O pregador pode falar com toda a eloquência dos homens e dos anjos, mas, a menos que ele possa orar com uma fé que traga todo o céu em sua ajuda, sua pregação será “como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1 Coríntios 13.1) para ser usada na honra permanente de Deus e para a salvação das almas.

.oOo.

## 6

*“A causa principal de minha fraqueza e falta de efrutos é uma inexplicável falta de orar. Eu posso escrever, ler, conversar ou ouvir com um coração pronto; mas a oração é a mais espiritual e interior que qualquer destas coisas e, quanto mais espiritual seja o dever, tanto mais inclinado a desviar-se dele o meu coração. Quando encontro, meu coração em atitude com liberdade para orar, tudo mais é fácil”.*

**Richard Newton**

Pode-se estabelecer como um axioma espiritual que, em todo ministério que conquista êxito, a oração é uma força evidente e controladora da vida do pregador, evidente e controladora na profunda espiritualidade de sua obra.

Um ministério pode ser ministério cuidadoso, mas sem oração; o pregador pode conquistar fama e popularidade, mas sem oração; a maquinaria da vida e da obra do pregador pode seguir sem o azeite da oração ou suficiente apenas para lubrificar um dente da engrenagem. Mas nenhum ministério pode ser espiritual, assegurando santidade ao pregador e ao seu povo sem que a oração seja uma força evidente e controladora.

O pregador que realmente ora, está colocando Deus na obra. Deus não intervém na obra do pregador por acaso, mas pela oração e por urgente necessidade.

Deus será encontrado por nós no dia em que O busquemos com todo o coração; isto é tão certo para o pregador quanto para o penitente.

Um ministério cheio de oração é o único ministério que faz com que o pregador caia na simpatia do povo. A oração,

tão essencial, une o humano com o divino. Um ministério cheio de oração é o único ministério qualificado para as elevadas responsabilidades do pregador. Colégio, erudição, livros, teologia, pregação não podem fazer um pregador, mas a oração pode.

A comissão dada aos apóstolos para pregar foi uma folha em branco até que foi preenchida no dia de Pentecostes que foi consequência da oração.

Um ministro cheio de oração ultrapassa as regiões do popular, dos simples negócios, de secularidades, a força atrativa do púlpito; ultrapassa ao organizador eclesiástico, chegando à região mais sublime e poderosa, a região do espiritual.

Santidade é o produto de sua obra e corações e vidas transformados enfeitam a realidade da sua obra. Deus é com ele. Seu ministério não está projetado sobre o mundano ou sobre princípios superficiais. Está profundamente ligado às coisas de Deus. Suas profundas comunicações com Deus a respeito do Seu povo e a agonia de seu espírito lutador o coroam como um príncipe nas coisas de Deus. E a frieza do simples profissional tem sido derretida pela intensidade de sua oração.

Os resultados superficiais de muitos ministérios e a fraqueza de outros estão ligados na carência de oração. Nenhum ministério pode ser bem sucedido sem muita oração e esta oração deve ser fundamental, sempre permanente, sempre crescente.

O texto e o sermão devem ser o resultado da oração. O estudo deve ser banhado em oração; todos seus deveres, impregnados de oração; seu espírito inteiro, o espírito de oração.

“Lamento ter orado tão pouco”, foram as palavras, em seu leito de morte, com o semblante cheio de tristeza e com

remorso, do finado bispo Tait. Assim deveríamos dizer todos nós.

Os verdadeiros pregadores de Deus têm-se distinguido por uma qualidade: foram homens de ração.

Diferenciando-se muitas vezes em muitos pontos, têm tido sempre um ponto em comum.

Eles podem ter partido de pontos diferentes e por caminhos diferentes, mas se encontraram num ponto: foram um no assunto da oração. Deus era para eles o centro de atração e a oração foi o caminho que os conduziu a Deus.

Estes homens oraram, não de vez em quando, não um pouco de tempos regulares ou quando desocupados. Eles oraram de tal maneira que suas orações formaram seu caráter; oraram de tal maneira que a oração influenciou sua vida e as vidas de outros; oraram de tal maneira que criaram a história da Igreja e influenciaram a corrente de todos os tempos.

Eles empregaram muito tempo na oração, não marcado o tempo nos ponteiros do relógio, mas porque para eles tão importante e atraente era tal ocupação que quase não podiam deixá-la.

A oração foi para eles o mesmo que foi para Paulo: uma contenda com ardente esforço da alma; o mesmo que foi para Jacó, uma luta e um domínio; o mesmo que foi para Cristo, um “forte clamor e lágrimas” (Hebreus 5.7). Eles estavam “orando em todo tempo” (Efésios 6.18).

A oração, obra eficaz, tem sido a mais poderosa arma dos mais poderosos soldados de Cristo.

A informação relativa a Elias, que era homem semelhante anos” (Tiago 5.17), comprehende todos os profetas e pregadores que têm movido sua geração para Deus e mostra o instrumento por meio do qual eles operaram maravilhas.

*“Os grandes mestres da doutrina cristã têm encontrado sempre na oração o mais elevado manancial de iluminação. Para não irmos além dos limites da Igreja, recordo que o bispo Andrews empregou diariamente cinco horas para oração de joelhos. Os maiores resultados práticos que têm enriquecido e aformoseado a vida humana, nos tempos cristãos, têm sido alcançados pela oração”*

**Canon Liddon**

Embora muitas orações particulares possam ser curtas, as orações públicas, regra geral, também devem ser curtas e condensadas. Embora haja motivos para orações breves e fervorosas, no entanto, em nossa comunhão particular com Deus, o tempo é um fator essencial a seu favor.

Muito tempo empregado com Deus é o segredo de toda oração com êxito. A oração que é sentida como uma força poderosa é o resultado de muito tempo empregado com Deus. Nossas orações curtas devem sua eficiência às longas orações que as precederam.

As orações curtas não podem ser feitas por uma pessoa que não prevaleceu com Deus numa poderosa luta de longa continuidade. A vitória da fé de Jacó não seria ganha se não fosse a luta de uma noite inteira.

O conhecimento de Deus não pode ser adquirido através de chamadas repentinhas. Deus não entrega Seus dons a homens que vêm e vão apressadamente e casualmente de Sua presença. Muito devemos quando, a sós com Deus, O conhecemos e recebemos Sua influência. Ele concede Seus mais ricos dons àqueles que declararam seu desejo e a

apreciação daqueles dons, tanto pela constância quanto pela solicitude de sua importunidade.

Cristo também nisto é exemplo entre outras coisas mais. Ele empregou noites inteiras em oração. Seu costume era orar muito. Ele tinha Seu lugar habitual para orar. Longos tempos de oração formaram Sua história e caráter.

Paulo orou dia e noite. Daniel, apesar de tantos assuntos importantes que tinha, achou tempo para orar três vezes ao dia. As orações matinais e do meio dia e da noite de Davi foram, sem dúvida, bem prolongadas.

Embora não tenhamos cálculo do tempo que estes santos da Bíblia usaram em oração, no entanto, as indicações mostram claramente que eles consumiram muito tempo nesta prática e, em algumas ocasiões, foi seu costume usar longos períodos de oração. Não deveríamos ter nenhum ideia acerca do que o valor das nossas orações deve ser medido pelo relógio, mas que nosso propósito seja imprimir em nossas mentes a necessidade de estarmos muito a sós com Deus. E, se este fato na é resultado de nossa fé, então ela é de um tipo fraco e superficial.

Os homens que mais plenamente têm engrandecido a Cristo em seu caráter e afetado mais poderosamente o mundo para Ele têm sido homens que têm empregado muito tempo com Deus e isto tem sido para eles um notável evento.

Charles Simeon dedicou-se a Deus em oração desde as quatro horas até as oito horas da manhã.

O senhor Wesley usou duas horas diariamente em oração, principiando às quatro horas da manhã. A seu respeito, alguém que o conhecia bem, escreveu: “Ele cria que a oração devia ser sua principal ocupação e eu o tenho visto saindo de sua câmara secreta com uma serenidade tal que seu rosto estava próximo do resplendor”.

John Fletcher manchou as paredes de seu quarto com o alento de suas orações. Sua vida foi uma vida de oração. “Eu não podia levantar-me”, disse ele, “sem elevar meu coração a Deus”. Seu cumprimento aos amigos era sempre: “Você está orando?”

Lutero disse: “Se eu deixar de empregar duas horas em oração toda manhã, o Diabo obtém sua vitória durante o dia. Estou tão ocupado que não posso deixar de empregar três hora diárias em oração”. Ele tinha um lema: “Quem tem orado bem, tem estudado bem”.

O bispo Leighton permanecia tanto a sós com Deus que parecia estar em perpétua meditação. “Oração e louvor foram sua ocupação e seu prazer”, escreveu seu biógrafo.

O bispo Ken estava tanto com Deus que alguém disse que sua alma estava enamorada de Deus. Ele já estava com Deus antes que o relógio marcasse três horas da manhã.

O bispo Asbury, levantava-se às três horas da manhã para encontrar-se com Deus em oração.

Samuel Rutherford, cuja piedade é ainda fragrante, levantava-se às três da manhã para encontrar-se com Deus em oração.

Joseph Alleine levantava-se às quatro da manhã para ocupar-se em oração até as oito. Se ele ouvia negociantes se ocuparem com seus negócios antes dele se levantar, exclamava: “Oh! Como me envergonho disto! Não merecem os negócios de meu Mestre muito mais do que os negócios destes mercadores?”

Quem aprendeu bem esta ocupação, usa à vontade e com toda aceitação dos recursos do banco inesgotável do céu.

Um dos mais santos entre os mais dotados dos pregadores da Escócia disse: “Eu preciso empregar as melhores horas do dia em comunhão com Deus. É meu mais

notável e frutífero serviço e não deve ser deixado de lado. As horas da manhã, desde a seis até às oito, não podem ser interrompidas e devem ser assim empregadas. É minha melhor hora e deve ser solenemente empregada a Deus. Eu não devo deixar bom e velho hábito da oração antes de me deitar, mas deve proteger-se contra o sono. Quando acordo de noite, devo levantar-me e orar. Um certo tempo após o café da manhã pode ser dedicado à intercessão”. Este era o plano de oração de Robert Mc Cheyne.

John Welch, o santo e maravilhoso pregador escocês, cria que o dia estava mal empregado se não usava de oito a dez horas em oração. Ele tinha um cobertor com que se envolvia quando se levantava para orar durante a noite. Sua esposa se queixava quando o encontrava no chão, chorando. E ele replicava: “Minha esposa, eu tenho as almas de três mil pessoas para responder por elas e eu não sei como vão muitas delas”.

.oOo.

## 8

*“O ato da oração é amais elevada energia de que é capaz a mente humana, quer dizer orando com toda a concentração das faculdades. A grande maioria dos homens mundanos e dos homens eruditos é incapaz de orar”.*

**Cleridge**

O bispo Wilson disse: “No diário de oração de H. Martyn o tempo dedicado a este dever e seu fervor são as primeiras coisas que me impressionam”.

Payson deixou nas duras madeiras do piso as marcas de seus joelhos pressionavam tão a miúdo e por tanto tempo. Seu biógrafo disse: “Sua contínua oração, em quaisquer

circunstâncias, é o mais notável fato de sua história e assinala o dever de todos que se esforçam para alcançar sua eminência. Às suas ardentes e perseverantes orações deve-se atribuir, sem dúvida, seus distinguidos e quase interruptos êxitos”.

O Marquês de Renty, para quem Cristo era mui precioso, ordenou a seu empregado chamá-lo após meia hora enquanto fazia suas orações. O empregado, na hora marcada, procurou o patrão e olhou através de uma abertura na porta. Estava marcado seu rosto com tanta santidade que não quis interrompê-lo. Seus lábios moviam-se, mas ele estava em completo silêncio. O empregado esperou até que três meias horas tivessem passado e então o chamou. Quando o Marquês, que estava ajoelhado, se levantou, disse ao empregado que a meia hora era muito curta quando estava em cunhão com Deus.

Brainerd disse: “Eu aprecio estar a sós com Deus em minha cabana, quando então posso pregar muito tempo em oração”.

William Bramwell é famoso nos anais do metodismo por sua santidade pessoal e pelos êxitos maravilhosos de sua pregação e pelas maravilhosas respostas a suas orações. Ele orava horas seguidas. Quase vivia de joelhos. Ele atravessou os sítios de sua paróquia como um chama de fogo. O fogo foi aceso pelo tempo em oração. Costumava pregar mais de quatro horas diariamente em oração.

Sir Henry Havelock sempre empregou as primeiras duas horas de cada dia para estar a sós com Deus. Se o seu acampamento devia levantar-se às seis da manhã, ele levantava-se às quatro.

O Conde Cairns levanta-se diariamente às seis da manhã para passar uma hora e meia no estudo da Bíblia e em oração, antes de fazer o culto familiar às 7 e 45 minutos.

Os êxitos do Dr. Judson se atribuem ao fato que gastava muito tempo em oração. A este respeito, ele disse: “Disponha seus assuntos, se possível de tal maneira que você possa dedicar duas ou três horas cada dia não simplesmente aos exercícios devocionais, mas ao verdadeiro ato de oração secreta e à comunhão com Deus. Esforce-se para sete vezes ao dia deixar seus negócios e companhias e elevar sua alma a Deus em retiro privado.

“Principie o dia levantando-se depois da meia noite e dedique parte do tempo durante o silêncio e a escuridão da noite a esta obra sagrada. Procure que o começo do dia encontre você na mesma obra. Procure que as nove, doze, quinze, dezoito e vinte uma horas testifiquem o mesmo de você. Disponha-se nisto. Faça todos os sacrifícios possíveis para continuar. Considere que seu tempo é curto e que não devemos permitir que os negócios e as companhias roubem o tempo de Deus!”

“Impossível fazer isto”, dizemos nós. O dr. Judson impressionou um Império para Cristo e colocou os alicerces do Reino de Deus com granito eterno no coração da Birmânia. Foi feliz em sua missão. Foi um dos poucos homens que poderosamente impressionaram o mundo para Cristo. Muitos homens com mais dons e erudição do que ele não têm feito obra semelhante. A obra religiosa de muitos é semelhante às pegadas na areia; mas ele esculpiu sua obra sobre diamante.

O segredo de sua profundidade e paciência está no fato que ele gastou tempo em oração. Ele manteve o ferro bem vermelho com a oração e a habilidade de Deus que o modelou com poder perseverante.

Nenhum homem pode fazer uma obra grande e durável para Deus se não for um homem de oração e nenhum homem pode ser um homem de oração se não dedicar muito tempo a ela.

‘É verdade que a oração é simplesmente o cumprimento de um hábito pesado e mecânico? Que é o cumprimento de uma pequena obrigação no qual nos disciplinamos e que a domesticidade e pequenez e superficialidade são seus principais elementos? É verdade que a oração é, como se presume, pouco mais que o jogo de sentimentos que fluem através dos minutos e horas de um fácil delírio?’

E Canon Liddon continua: “Deixemos que os que realmente têm orado nos deem a resposta. Alguns descrevem a oração, como o patriarca Jacó, como uma luta com o Poder Invisível, que pode durar, algumas vezes, até as horas da noite ou até o raiar do dia. Algumas vezes, referem-se à intercessão de São Paulo, como uma luta acertada. Eles têm, quando oram, seus olhos fixos no Grande Intercessor do Getsêmani, sobre as gotas de sangue que caíram ao chão naquela agonia de resignação e de sacrifício. Importunidade é a essência da oração de êxito. Importunidade não significa astúcia ou manha, mas obra sustentada. É por meio de oração, especialmente, que o reino dos céus sofre violência e que os fortes o tomam pela força”.

.oOo.

## 9

*“Cristo se levantou antes que amanhecesse e foi orar num lugar solitário. Davi diz: De manhã me apresentarei a Ti! E de manhã ouvirás minha voz. Eu devo orar de manhã, antes que veja alguém. Se não for assim, a oração em família perde muito do seu poder e docura e eu não posso fazer bem aos que vêm buscá-lo em mim. Sinto que é muito melhor principiar o dia com Deus e ver Sua face primeiro, antes de aproximar-me de outra pessoa”*

### **Robert Murray McCheyne**

Os homens que mais tem feito para Deus neste mundo são aqueles que bem cedo têm estado sobre seus joelhos. Quem desperdiça as primeiras horas da manhã, sua oportunidade e frescura, com outras ocupações, em lugar de buscar a Deus, fará pouco progresso buscando-O no restante do dia. Se Deus não é o primeiro em nossos pensamentos e esforços na manhã, estará em último lugar no restante do dia.

Por trás deste levantar-se cedo e orar cedo está o desejo fervoroso que nos pressiona neste empenho de seguir a Deus. A negligência matinal indica um coração negligente. O coração que é descuidado em buscar a Deus de manhã perdeu seu gosto por Deus.

O coração de Davi era desejoso de seguir a Deus. Tinha fome e sede de Deus e, por isso, O buscou cedo, de manhã, antes do amanhecer. Os fatos do dia e o sono não podiam segurar sua alma de seguir a Deus.

Cristo ansiou a comunhão com Deus e, por isso, levantava-se bem antes do amanhecer e ia à montanha para orar. Os discípulos, quando estavam acordados e envergonhados por tê-lo deixado, sabiam onde podiam encontrá-lo.

Podemos recorrer à lista dos que, poderosamente, têm impressionado o mundo para Deus e os encontraremos seguindo a Deus bem cedo.

Um desejo na busca de Deus, por alguém que não pode dormir o sono, é um desejo muito fraco e pouco bem fará em relação a Deus, depois de ter-se gratificado plenamente a si mesmo. O desejo de nos encontrarmos com Deus, que nos fez deixar as tentações do Diabo e do mundo, no princípio do dia, fará com que estes não recuperem seu lugar perdido.

Não é simplesmente o levantar-se que coloca os homens à frente e os faz capitães nas hostes de Deus. É o ardente desejo que remove e quebra todas as cadeias de indulgência para consigo mesmo. No entanto, o levantar-se dá expressão, incremento e força ao apelo.

Se eles tivessem continuado na cama, sendo indulgentes consigo mesmos, o desejo teria sido apagado. O desejo os fez levantar-se e os dispôs a seguir a Deus e este cuidado e esta ação de sua fé apoio em Deus e deu ao seu coração a dulcíssima e plena revelação de Deus. E esta fortaleza de fé e plenitude de revelação os fez santos por eminentia e este halo de sua santidade os fez chegar até nós e temos entrado no gozo de suas conquistas.

Mas, muitas vezes, apenas nos alegramos com suas experiências e não os imitamos. Nós construímos seus túmulos e escrevemos seus epitáfios, mas descuidamos de seguir o seu exemplo.

Precisamos de uma geração de pregadores que busquem a Deus e que O busquem bem cedinho, que sintam Seu frescor e orvalho, e que garantam a plenitude de Seu poder para que Ele possa ser a plenitude de alegria e de força através de todo o trabalho do dia.

Nossa preguiça em seguir a Deus é nosso clamoroso pecado. Os filhos deste mundo são mais sábios do que nós. Nós não buscamos a Deus com ardor e diligência. Nenhum homem O alcança se não segue com presteza e nenhuma alma O segue com ligeireza se não O segue desde manhã cedo.

.oOo.

*“Há uma necessidade manifesta de influência espiritual no ministério na época presente. Sinto-o em meu próprio caso e também no de outros. O ministério é o grande e santo assunto e deve encontrar em nós um simples hábito de uma santa, mas humilde indiferença a todas as consequências. O defeito principal no ministério cristão é a necessidade de um hábito devocional”*

**Richard Cecil**

Nunca houve tanta necessidade de homens e de mulheres santos como hoje. E mais necessário ainda é o chamado para pregadores santos e dedicados a Deus.

O mundo se move com saltos gigantescos. Satanás tem suas garras sobre o mundo e trabalha para fazer com que seus movimentos se subordinem às suas finalidades.

A religião deve fazer a sua obra, apresentando seus mais perfeitos e atrativos modelos. Por todos os meios, a santidade moderna deve ser inspirada por mais elevados ideais e pelas maiores possibilidades por meio do Espírito.

Paulo vivia de joelhos para que a igreja em Éfeso pudesse medir a elevada, profunda e incomensurável santidade de serem “cheios de toda a plenitude de Deus”.

Epafras ficou abatido com o extenuante trabalho e intrépido conflito de oração fervorosa até que os da igreja de Colossos pudessem conservar-se “perfeitos e plenamente convictos de toda a bondade de Deus” (Colossenses 4.12).

Nos tempos apostólicos, todos se esforçaram para que cada um do povo de Deus chegasse “à unidade do Espírito o vínculo da paz” (Efésios 4.3).

Nenhum prêmio foi distribuído aos anões; nenhum estímulo, para uma senil infância. Os bebês precisavam crescer; os idosos, em vez de fraqueza e enfermidade, deviam

mostrar frutos espirituais nesta idade avançada e ser fortalecidos. Na religião, é maravilhoso ver homens e mulheres santos.

Nem aumento de dinheiro, nem gênio, nem cultura podem mover as coisas para Deus. A santidade vigoriza a alma, o homem inteiro arde em amor, com desejo de mais fé, mais oração, mais zelo, mais consagração. Este é o segredo de poder espiritual.

É disto que precisamos e devemos procurar e os homens devem ser a encarnação desta ardente e plena devoção para com Deus. O avanço das coisas de Deus tem sido detido, sua causa prejudicada, e Seu Nome desonrado por falta desta devoção. O gênio (mesmo o mais elevado e dotado), a educação (mesmo a mais erudita e refinada), a posição social, a dignidade humana, o lugar, os nomes honoráveis, os poderes eclesiásticos não podem mover as coisas de Deus. Somente forças ardentes podem movê-las.

O gênio de um Milton falha. A força imperial de um Leão falha. Mas o espírito de Brainerd pode movê-las. O espírito de Brainerd estava voltado para Deus, ardendo pelas almas. Nada terreno, nem mundano, nem egoísta pode abater, no mais mínimo, a intensidade desta força e desta chama.

A oração é a criadora e, ao mesmo tempo, o canal de devoção. O espírito de devoção é o espírito de oração. A oração e a devoção estão unidas como a alma e o corpo, tão unidas como a vida e o coração estão unidos.

Não há oração verdadeira sem devoção, nem devoção sem oração. O pregador deve estar rendido a Deus na mais sagrada devoção. Ele não é um profissional da religião, seu ministério não é uma profissão. É uma instituição divina, uma devoção divina. Ele está dedicado a Deus. Seu alvo, suas aspirações, sua ambição são para Deus e, por isso, sua oração é tão essencial como o é o alimento para a vida.

O pregador, acima de tudo, deve ser consagrado a Deus. O relacionamento do pregador com Deus é a credencial de seu ministério. Esta deve ser clara, concludente, inequívoca.

Não deve ser um tipo de piedade comum e superficial. Se ele não se sobressai em graça, não sobressai em nada. Se ele não prega por meio da vida, do caráter, da conduta, sua pregação não vale nada. Se sua piedade é apenas superficial, sua pregação pode ser tão suave e tão doce como a música, tão hábil como de Apolo, no entanto, seu peso será peso pena, visionário, fugaz com o a nuvem da manhã ou o orvalho matinal.

Devoção a uma igreja, a suas opiniões, a uma organização, à ortodoxia, tudo isto são misérias, enganos e vaidades quando chegam a ser o manancial de inspiração, a alma de um chamado.

Deus deve ser o maior manancial dos esforços de um pregador, a fonte e a coroa de toda a sua fadiga. O Nome e a Obra de Jesus Cristo, o avanço de Sua causa deve ser seu alvo supremo. O pregador não deve ter inspiração a não ser o Nome de Jesus Cristo; não deve ter ambição a não ser para vê-lo glorificado; não deve fatigar-se a não ser por Ele.

Então a oração será um manancial de suas ilusões, os meios de perpétuo avance, o medidor de seu êxito. A aspiração perpétua, a única ambição que o pregador pode amar é ter Deus com ele.

Nunca a causa de Deus precisou tanto de visualizar as possibilidades da oração mais do que hoje. Nenhuma época, nenhuma pessoa, serão exemplos do poder do Evangelho a não ser as épocas e pessoas de profunda e ardente oração.

Uma época de falta de oração só terá miseráveis modelos de poder divino. Corações com falta de oração nunca se levantarão às alturas alpinas. A época poderá ser uma época melhor que outra anterior, mas há uma distância infinita entre o melhor de uma época por força da civilização que

prossegue e seu melhoramento pelo aumento de santidade e de semelhança com Cristo, pela energia da oração.

Os judeus eram muito melhores nos atuais de Cristo do que em épocas passadas. Era a idade de ouro de sua religião farisaica. Ma sua áurea época crucificou a Cristo. Nunca houve mais oração; nunca, menos sacrifícios; nunca, mais idolatria; nunca, mais adoração nos templos; nunca, menos adoração a Deus; nunca, menos serviço de coração.

E Deus era adorado de lábios; cujos corações e mãos crucificaram ao Filho de Deus! Nunca mais frequentadores de igrejas; nunca, menos santos.

É a força da oração que faz santos. Os caracteres santo são formados pelo poder da oração verdadeira. Quanto mais verdadeiros santos, tanto mais de oração. Quanto mais de oração, tanto mais verdadeiros santos.

.oOo.

## 11

*“Eu lhe recomendo muita comunhão com Cristo, uma comunhão crescente. Há cortinas que devem abertas em Cristo, porque há aspectos de Seu amor que nunca temos visto. Desespera-me o fato de saber que nunca chegarei a compreender totalmente este amor. Cave fundo, fatigue-se, trabalhe, afane-se e dedique-Lhe todo o tempo que for possível”*

**Rutherford**

Deus tem agora, e sempre teve, muitos desses homens, pregadores devotos e plenos de oração, homens em cujas vidas a oração tem sido a força poderosa, controladora e conspícuia.

O mundo tem seu poder; Deus tem sentido e honrado seu poder e a causa de Deus tem-se movido poderosamente e velozmente graças às suas orações. E a santidade tem brilhado em seus caracteres com refugência divina.

Deus achou um dos homens que estava procurando em David Brainerd, cuja obra e nome tem passado à história. Não foi um homem comum, mas foi capaz de brilhar em qualquer meio; era companheiro do sábio e dos mais dotados, era eminentemente capaz de usar os mais atraentes púlpitos e trabalhar entre os mais refinados e cultos, e que estavam ansiosos de tê-lo como pastor.

O presidente Edwards dá testemunho de que era “um jovem de distintos talentos, tinha um conhecimento extraordinário dos homens e das coisas, tinha poderes de conversação, avançado em seu conhecimento teológico, e era, apesar de sua juventude, um pregador extraordinário e em especial em todas as matérias relacionadas com a religião experimental. Não conheci nenhum outro de sua idade e posição, e com tal conhecimento da verdadeira religião. Sua maneira de orar era quase inimitável, a tal ponto que eu raramente conheci outro igual a ele. Sua erudição era considerável e tinha dons extraordinários para o púlpito”.

Nenhuma história mais sublime tem registrada nos anais terrenos que a de David Brainerd; nenhum milagre testemunha com força mais divina a verdade do Cristianismo que a vida e a obra deste homem. Sozinho, nas selvas virgens da América, lutando dia e noite com uma enfermidade mortal, ignorante no cuidado das almas, tendo acesso aos índios por um longo período de tempo, somente por intermédio de um intérprete pagão, inábil no instrumento, com a Palavra de Deus no coração e em suas mãos a sua alma acesa com a chama divina, um lugar e tempo para verter sua alma a Deus em oração, é que estabeleceu plenamente a adoração a Deus e assegurou todos os bons resultados entre os índios. Estes mudaram de tal maneira

que, antes de embrutecidos com um degradado e ignorante paganismo, depois foram transformados a cristãos puros, devotos e inteligentes. Todos os vícios foram eliminados, os deveres externos do Cristianismo abraçados e executados, a oração familiar estabelecida, o dia do Senhor instituído e religiosamente observado e as graças internas da religião exibidas com crescente docura e força.

A solução desses resultados encontra-se em David Brainerd, não nas condições ou acidentes, mas no nome Brainerd. Ele foi o homem de Deus para Deus e, em todo o tempo, Deus podia influir sem interrupção por meio dele.

A onipotência da graça não foi nem detida e nem limitada pelas condições de seu coração; o canal inteiro estava ampliado e limpo para a passagem do poder de Deus, de tal maneira que Deus com Suas poderosas forças podia descer aos desertos selvagens e sem esperança e transformar os índios em Seu jardim florescente e frutífero. Nada é fácil demais para Deus se Ele encontra o homem apropriado pra fazê-lo.

Brainerd viveu uma vida de santidade e de oração. Seu diário está cheio e é monótono com a relação de seus momento de jejuns, de meditação e de retiro. O tempo que empregou na oração privada acumulava muitas horas diárias. “Quando eu volto ao lar”, diz ele, “me entrego à meditação, oração e jejum; minha alma anela a mortificação, a negação de si mesma, a humildade e a separação de todas as coisas deste mundo. Eu não tenho que fazer nada com a terra”, continua ele, “senão trabalhar honradamente nela para Deus. Eu não desejo viver um minuto por qualquer coisa que a terra me possa conceder”.

Segundo este elevado conceito, ele orou: “Sentindo algo a docura da comunhão com Deus e da fraca constrangedora de Seu amor e como admiravelmente cativa a alma e faz com que todos os Seus desejos e afeições se centralizem nEle, eu tenho dedicado este dia para oração e jejum em segredo, para

rogar a Deus que me abençoe e me dirija com cuidado nesta obra que eu tenho em perspectiva de pregar o Evangelho e que o Senhor se volte para mim e me mostre a luz do Seu rosto. Eu me sentia com pouca vida e sem forças ao meio dia.

“No meio da tarde, Deus me capacitou para lutar ardente mente por meus amigos ausentes, pela colheita de almas, pelas multidões de pobres almas e pelos muitos que eu cria eram filhos de Deus em muitos e distintos lugares. Estive em tal agonia desde meia hora após ter saído o sol até perto da noite. Estava todo molhado de suor. Mas eu achei que nada tinha feito. Meu Salvador querido suou sangue pelas pobres almas! Eu anseio mais compaixão por elas. Sinto-me numa atitude de prazer, sob uma sensação de amor e graça divinos e, em tal condição, me deitei com o coração voltado para Deus”.

Foi a oração que deu à sua vida e ao seu ministério seu maravilhoso poder.

Os homens de oração poderosa são os homens de potencial espiritual. As orações nunca morrem. A vida inteira de Brainerd foi uma vida de oração. Ele orou dia e noite. Orou antes e depois e de pregar. Cavalgando através das intermináveis solidões dos montes, ele orou. Sobre o seu leito de palha, ele orou. Retirando-se aos solitários e densos montes, ele orou. Hora trás hora, dia trás dia, ao principiar a manhã e ao terminar a noite, ele estava orando e jejuando, sua alma intercedendo e meditando em Deus.

Ele foi com Deus poderosamente e Deus foi poderosamente com ele. E, por isso, mesmo depois de morto ainda fala, e continuará falando e agindo para que o fim venha e entre os amados gloriosos naquele dia glorioso, ele estará entre os primeiros.

Jonathan Edwards disse dele: “Sua vida mostra o caminho exato para o êxito na obra do ministério. Ele o buscou como um soldado que procura a vitória em meio de

um assédio ou de uma batalha. E como um homem que corre para ganhar um grande prêmio. Animado com o amor para Cristo e para as almas, como trabalhou! Sempre fervorosamente. Não somente em palavra e em doutrina, em público ou em privado, lutando com Deus em segredo e enfrentando a luz com indizível gemido e agonia até que Cristo foi formado nos corações do povo ao qual foi enviado. Como um verdadeiro filho de Jacó, perseverou na luta através das trevas da noite até ao raiar do dia”.

.oOo.

## 12

*“Nada alcança o coração não ser o que sai do coração e nada penetra na consciência a não ser o que provém de uma consciência viva”*

**William Penn**

*“De manhã eu estava mais ocupado em preparar a cabeça do que o coração. Este tem sido frequentemente meu erro e tenho sentido as consequências disto. Senhor, alarga meu coração e eu pregarei!”*

**Robert Murray McCheyne**

*“Um sermão que tem mais cabeça do que o coração nunca terá eficácia nos ouvintes”*

**Richard Cecil**

A oração com suas múltiplas forças ajuda a boca a publicar a verdade em sua plenitude e liberdade. Uma boca santa é feita pela oração, por muita oração. Uma boca valente é feita pela oração; por muita oração.

Como são ilimitadas, valiosas e proveitosas as orações a favor do pregador! E por muitas razões, por muitos pontos, de todas as maneiras! Seu grande valor é que ajuda o coração.

A oração faz do pregador um pregador de oração. A oração põe o coração do pregador no sermão do pregador; a oração põe o sermão do pregador no coração do pregador.

O coração faz o pregador. Os homens de grande coração são grandes pregadores. Os de coração mau podem fazer algo de bom, mas isto é raro. O mercenário e o estranho podem ajudar a ovelha em alguma coisa, mas é o bom pastor com o coração de bom pastor que será uma bênção para a ovelha e quem atende às necessidades da ovelha.

Temos enfatizado a preparação do sermão ao ponto de termos cultivado um gosto vicioso entre o povo e levantado um clamor ou um talento em lugar de graça, eloquência em lugar de piedade, retórica em lugar de revelação, reputação e brilho em lugar de santidade.

Por isto temo perdido a verdadeira ideia da pregação, temos perdido o poder da pregação, temos perdido a pujante convicção do pecado, temos perdido a rica experiência e elevado o caráter cristão, temos perdido a autoridade sobre a consciência e vida que sempre resultam da pregação genuína.

Isto não quer dizer que os pregadores estudam demais. Alguns deles, não estudam nada; outros não estudam o suficiente. Muitos não estudam de maneira correta para mostrar-se como obreiros aprovados por Deus.

Nossa falta não está na cultura da mente, mas na cultura do coração; não há falta de conhecimento; há falta de santidade. Este é o principal defeito: não que sabemos demais, mas que não meditamos em Deus e na Sua Palavra, e não velamos e não jejuamos o suficiente.

Volumes inteiros têm sido escritos ensinando o mecanismo e o gosto de fazer um sermão, até termos chegado

a estar possuídos da ideia que este andaime é a construção. O jovem pregador tem sido ensinado a colocar toda a sua disposição na forma e formosura de seu sermão, como um produto mecânico e intelectual.

Temos, por este meio, cultivado um gosto vicioso entre o povo e levantado um clamor por um talento em lugar de graça, eloquência em lugar de piedade, retórica em lugar de revelação, reputação e brilho em lugar de santidade.

Por isto temos perdido a verdadeira ideia da pregação, temos perdido o poder da pregação, temos perdido a pujante convicção de pecado, temos perdido a rica experiência e elevado caráter cristão, temos perdido a autoridade sobre a consciência e vida que sempre resultam da pregação genuína.

Isto não quer dizer que os pregadores estudam demais. Alguns deles, não estudam nada; outros, estudam o suficiente. Muitos não estudam de maneira correta para mostrar-se como obreiros aprovados por Deus.

Nossa falta não está na cultura da mente, mas na cultura do coração; não há falta de conhecimento; há falta de santidade. Este é o nosso principal defeito: não que saibamos demais, mas que não meditamos em Deus e na Sua Palavra, e não velamos, e não jejuamos, e não oramos o suficiente.

O coração é o grande impedimento para nossa pregação. As palavras cheias com a verdade divina encontram em nossos corações um não condutor; ditas elas, caem nuas e sem poder.

Pode a ambição que deseja o louvor e a posição, pregar o Evangelho dAquele que não exigiu de Si, mesmo nenhuma reputação e tomou a forma de um servo? Pode o soberbo, o vaidoso, o egoísta, pregar o Evangelho dAquele que foi tão modesto e humilde? Pode o homem de mau caráter, colérico, egoísta, duro, mundano, pregar o sistema que abunda em paciência, abnegação, ternura, a qual imperativamente demanda separação, inimizade e crucificação com o mundo?

Pode o mercenário oficial, sem coração, superficial, pregar o Evangelho que demanda ao pastor dar a sua vida pelas ovelhas? Pode o homem cobiçoso, que apenas considera o salário e o dinheiro, pregar o Evangelho e dizer com o espírito de Cristo e de Paulo as palavras de Wesley: “Considero-o como esterco; piso-o sob os meus pés; eu (ainda que não eu, mas a graça de Deus em mim) o considero como a lama das ruas; não o desejo, não o busco!”?

A revelação de Deus não necessita da luz do gênio humano, do polimento e da força da cultura humana, do brilhantismo do pensamento humano, da força do cérebro humano, para adorná-la e reforçá-la, mas demanda a simplicidade, a docura, a humildade e a fé do coração de uma criança.

Foi esta rendição e subordinação do intelecto e do gênio às forças espirituais e divinas o que fez de Paulo incomparável entre os apóstolos. Foi isto o que deu a Wesley seu poder e propagou seus trabalhos na história da humanidade.

Nossa grande necessidade é a preparação do coração. Lutero colocou isto como um axioma: “Aquele que orou bem, estudou bem”. Não estamos dizendo que os homens não podem pensar e usar seu intelecto. Estamos dizendo que usam melhor seu intelecto aqueles que cultivam mais seu coração.

Não dizemos que os pregadores não devem ser estudiosos. Estamos dizendo que seu grande estudo deve ser a Bíblia e que o que estuda melhor a Bíblia é quem preserva seu coração mais diligentemente. Não dizemos que o pregador não deve conhecer os homens. Estamos dizendo que será muito mais adepto à natureza humana aquele que tem sondado as profundezas e os emaranhados do seu próprio coração.

Dizemos que, enquanto o canal de pregação é a mente, sua fonte e o coração. Você pode ampliar e aprofundar este canal, mas que, se não tiver cuidado com a profundidade e a pureza da fonte, você terá um canal seco e contaminado.

Dizemos que, quase qualquer homem de inteligência normal tem sentido suficiente para pregar o Evangelho, mas bem poucos têm graça suficiente para fazê-lo.

Dizemos que o que tem lutado com seu próprio coração e o tem consultado; que aquele que lhe tem ensinado humildade, fé, amor, verdade, simpatia, misericórdia, valor que pode distribuir os ricos tesouros do seu coração assim exercitado por meio do intelecto e com o poder do Evangelho na consciência de seus ouvintes, esse tal será o verdadeiro e mais afortunado pregador na estimado de seu Senhor.

.oOo.

## 13

*“Estude, mas não para ser um pregador refinado. Os muros de Jericó são derrubados não com chifres de carneiro. Busque simplesmente a Jesus como material para pregar e o que deseja lhe será dado. Sua boca será um riacho a fluir ou uma fonte selada, conforme seja seu coração. Evite toda controvérsia na pregação, conversação ou publicação. Não pregue nada de baixo, senão o mal; e nada do alto, senão a Jesus Cristo”*

**Berridge**

O coração é o salvador do mundo. A cabeça não salva. O gênio, o cérebro, dons naturais não salvam. O Evangelho flui através dos corações. Todas as forças mais poderosas são

forças do coração. Todas as graças mais doces e amáveis são graças do coração.

Grandes corações fazem grandes caracteres; grandes corações fazem caracteres divinos. Deus é amor. Não há nada maior que o amor; nada maior que Deus.

Os corações fazem o céu; o céu é amor. Não há nada mais elevado e mais doce do que o céu.

É o céu e não a cabeça o que faz os grandes pregadores de Deus. O coração vale muito em todo sentido na religião. O coração deve falar desde o púlpito. O coração deve ouvir o banco da congregação.

De fato, servimos a Deus com nossos corações. A homenagem da cabeça não influi.

Creamos que um dos mais sérios problemas e mais comuns erros do púlpito moderno é pôr mais do pensamento que da oração, mais da cabeça que do coração nos seus sermões. Grandes corações fazem grandes pregadores; bons corações fazem bons pregadores.

Uma escola teológica pode aumentar e cultivar o coração; é a grande necessidade do Evangelho. O pastor age e governa seu povo com seu coração. O povo pode admirar seus dons, pode estar orgulhoso de sua habilidade, pode ser afetado, momentaneamente, por seus sermões, mas a maior força do seu poder é o coração. O trono do seu poder é o coração.

O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. A cabeça nunca faz mártires. É o coração que rende a vida ao amor e à fidelidade. Necessita-se muito valor para ser um fiel pastor, mas somente o coração pode fornecer este valor. Dons e gênios podem ser valiosos, mas são os que procedem do coração e não da cabeça.

É mais fácil encher a cabeça do que preparar o coração. É mais fácil fazer um sermão do cérebro do que um sermão

do coração. Foi o coração que trouxe o Filho de Deus do céu. É o coração que atrairá os homens para o céu. Homens de coração é o que o mundo precisa para simpatizar com as suas dores, para remover suas tristezas, para compadecer-se de suas misérias e para aliviar suas penas. Cristo foi eminentemente o Homem de Dores, porque Ele foi, preeminentemente, o Homem do coração.

“Dá-Me, filho Meu, o teu coração!” (Provérbios 23.26) é a demanda de Deus aos homens. “Dá-Me teu coração!” é a demanda do homem ao homem.

Um ministério profissional é um ministério sem coração. Quando o salário influi no ministério o coração ocupa um lugar mui baixo, influi pouco. Podemos fazer da pregação a nossa ocupação e não pôr nosso coração na ocupação.

Aquele que se coloca à frente de sua pregação, põe o coração em último lugar. Quem não semeia com seu coração no estudo, não segará uma espiga para Deus.

A câmara secreta é o estúdio do coração, ali aprendemos muito acerca de como pregar e o que pregar, mais do que podemos aprender em nossas bibliotecas.

“Jesus chorou” (João 11.35) é o mais curto versículo bíblico. E é o maior também. É o que prossegue com lágrimas (não precisamente pregando grandes sermões), levando a preciosa semente, que voltará com regozijo trazendo suas espigas com ele.

A oração dá juízo, traz sabedoria, amplia e fortalece a mente. A câmara secreta é seu perfeito mestre e a perfeita escola para o pregador. O pensamento é, não somente iluminado e esclarecido na oração, mas é nascido nela.

Podemos aprender mais em uma hora de oração, quando verdadeiramente oramos, do que em muitas horas de estudo. Há livros na câmara secreta que não podem ser encontrados em outros lugares.

As revelações Deus as faz na câmara secreta, as quais não são feitas em outro lugar.

.oo.

## 14

*“Uma brilhante bênção que a oração particular faz descer sobre o ministério é algo indescritível - uma unção do Santo. Se a unção que temos não provém do Senhor dos Exércitos, somos enganadores. Continuemos persistentes, constantes e fervorosos na súplica. Que o seu velo permaneça na eira da súplica até ficar empapado com o orvalho do céu”*

**Spurgeon**

Alexander Knox, filósofo cristão da época de Wesley, não um aderente dele, mas com muita simpatia espiritual pelo movimento wesleyano, escreveu: “É estranho e lamentável, mas eu creio assim, que não há muita pregação atrativa na Inglaterra, com exceção do meio metodista. O clero, em geral, perdeu a arte. Concebo que nas grandes leis do mundo moral, uma espécie de compreensão secreta, semelhante às afinidades químicas, entre as verdades religiosas retamente anunciadas e os sentimentos mais da mente humana. Onde um é devidamente apresentado, o outro responderá.

“Não ardiam nossos corações dentro de nós?, mas para isto, é indispensável um sentimento devoto no orador. Agora estou obrigado a dizer, segundo minha própria observação, que esta unção é, fora de toda comparação, mais provável que se encontre na Inglaterra dentro de um grupo metodista do que em uma igreja paroquial. Isto e somente isto parece realmente ser o que enche os templos metodistas e falta nas igrejas paroquiais.

“Eu não sou um entusiasta; eu sou um sincero e cordial anglicano, humilde discípulo da escola de Hale e Boyle, de Burnet e Leighton. Mas devo assegurar que, quando estive neste país, há dois anos, eu não ouvi um único pregador que me ensinasse como meus grandes mestres, a não ser os que se consideram metodistas.

“Não encontro um átomo de instrução para o coração em alguma parte. Os pregadores metodistas (embora eu nem sempre possa aprovar todas as suas expressões) fazem melhor a difusão desta religião pura e verdadeira.

“Senti verdadeiro prazer no domingo passado. Posso dar testemunho de que o pregador falou palavra de verdade e de temperança. Não houve eloquência - o honrado pregador nem pensou nisto -, mas houve algo muito melhor: uma comunhão cordial da verdade vitalizada. Digo vitalizada porque ele declarou para os outros o que foi impossível deixar de sentir que havia nele mesmo”.

Esta unção é a arte de pregar. O pregador que nunca teve esta unção nunca teve a arte de pregar. Qualquer outra arte que ele possa ter e reter - a arte de fazer sermões, a arte do pensamento esclarecido, a arte de agradar a um auditório - perdeu a arte divina da pregação. Esta unção faz a verdade de Deus poderosa e interessante, instrui e atrai, edifica e convence, salva.

Esta unção vitaliza a verdade revelada de Deus, torna-a viva e é capaz de dar vida. A mesma verdade de Deus falada sem esta unção é leve, mortal e amoral. Ainda que abunde em verdade; ainda que seja apresentada com pensamentos graves; ainda que brilhe na retórica; ainda que seja dirigida com lógica; ainda que seja potencializada com ardor; sem esta unção divina, manifesta morte e não vida.

O senhor Spurgeon disse: “Pergunto-me quanto poderíamos estimular nosso cérebro antes que pudéssemos plenamente, pôr em palavras o que se entende pregar com

unção. No entanto, o que prega conhece sua presença e o que ouve logo descobre sua ausência. Samaria faminta tipifica um discurso sem esta unção. Jerusalém, com suas festas e refeições fartas, cheias de tutano, serve para representar um sermão enriquecido com esta unção.

“Cada um conhece o que é o frescor da manhã quando as pérolas do oriente abundam em cada talo de erva, mas quem é que pode produzi-las de si mesmo? Tal é o mistério da unção espiritual. Conhecemo-la, mas não podemos dizer aos outros o que é. É tão fácil e tão insensato falsificá-la. A unção é uma coisa que não pode produzir-se e suas imitações são pior do que inúteis.

“No entanto, é, em si mesma, de valor infinito e de suma necessidade se você deseja edificar os crentes e trazer os pecadores a Cristo”.

.oOo.

## 15

*“Fale para a Eternidade. Acima de tudo, cultive seu próprio espírito. Uma palavra dita por você, quando sua consciência é clara e seu coração cheio do Espírito de Deus, vale mais do que dez mil palavras ditas na incredulidade e pecado. Lembre-se que é Deus, e não o homem, que deve receber a glória. Se o véu das coisas do mundo fosse retirado, quanto se encontraria que se faz em resposta às orações dos filhos de Deus”*

**Robert Murray McCheyne**

A unção é algo indefinível, indescritível, que um antigo e renomado pregador escocês descreve assim: “Há algumas

vezes algo na pregação que não pode ser atribuído ao assunto ou expressão, e que não pode descrever-se quanto ao que é, ou de onde provém, mas que, com uma doce violência, penetra no coração e nas afeições e que vem do Senhor e, se há alguma maneira de obter tal coisa, é por uma disposição celestial do pregador”.

Nós chamamos isto de unção. É esta unção que faz a Palavra de Deus “viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hebreus 4.12).

É esta unção que dá às palavras do pregador a sua agudeza, penetração e poder e cria agitação em muitas congregações mortas. As mesmas palavras têm sido ditas dentro dos limites da letra, suaves como o óleo humano poderia fazê-las, mas sem nenhum sinal de vida, nenhuma batida no pulso; tudo é aprazível como o sepulcro e a morte.

O mesmo pregador agora recebe esta unção, a ação divina se manifesta sobre ele, a letra da Palavra tem sido embelezada e acesa por este misterioso poder e as palpitações da vida principiam. A unção penetra e convence a consciência e quebranta o coração.

Esta unção divina é o distintivo que separa e distingue a verdadeira pregação do Evangelho de todos os outros métodos de apresentação da verdade e que cria uma ampla diferença entre o pregador que a tem e o que não a tem.

Esta unção respalda e impregna a verdade revelada com toda a energia de Deus. A unção é simplesmente pôr a Deus em Sua própria Palavra e sob Seu próprio pregador. Por poderosa, grande e contínua oração se faz potencial e pessoal ao pregador; inspira e clarifica seu intelecto; dá visão interior e alcance e poder projetante; dá ao pregador poder no coração, o que é maior do que poder na cabeça; ternura, pureza e força fluem do coração por ela. Engrandecimento e liberdade, plenitude de pensamento, direção e simplicidade de emissão são os frutos desta unção.

Muitas vezes, o ardor é confundido com esta unção. Quem tem a divina unção será ardente na mesma natureza espiritual das coisas, mas pode haver uma grande porção de ardor sem a mínima porção de unção.

Ardor e unção parecem semelhantes sob alguns pontos de vista. O ardor pode ser, facilmente e sem perceber-se, tomado por unção. É necessária uma visão espiritual e um gosto espiritual para distingui-los.

O ardor pode ser sincero, sério, ardente, perseverante. Empreender uma obra com boa vontade, persegue-a com perseverança, provocada com ardor. Põe sua força nela. Mas todas estas forças são simplesmente humanas. O homem está nelas. O homem inteiro, com tudo o que ele tem de vontade e de coração, de cérebro e de gênio, de planos, de trabalho e de palavras.

O homem se propôs uma resolução que o domina e persegue-a até apropriar-se dela. E pode ser que não haja nada de Deus nela. Pode ser haja um pouco de Deus nela, mas há muito do homem nela.

O homem pode apresentar suas razões para justificar seu propósito ardente que o deleita e o abate com a convicção de sua importância. E em todo este ardor pode seguir sendo propulsionado unicamente por forças humanas, tendo seu altar feito por mãos terrenas e seu fogo aceso por chamas terrenas.

Diz-se de um pregador famoso e dotado, cuja apresentação das Escrituras era para sua fantasia ou propósito, que “chegou a ser muito eloquente sobre sua própria exegese”.

Assim, os homens crescem ardentes sobre seus próprios planos ou movimentos. O ardor pode ser o egoísmo simulado.

Que é unção? É indefinível na pregação que a faz pregação. É aquilo que distingue e separa a pregação de

todos os discursos simplesmente humanos. Ela faz a pregação aguda para aqueles que necessitam de agudeza. Ela destila como o orvalho para aqueles que precisam ser refrescados.

Esta unção vem com o pregador não no estudo, mas na câmara secreta. É a destilação celestial em resposta à oração. É a destilação do Espírito Santo. Ela impregna, difunde, abranda, filtra, corta e acalma. Ela leva a Palavra como dinamite, com sal, como açúcar.

Ela faz com que o ouvinte se sinta um réu ou um santo. Ela faz chorar como uma criança ou viver como um gigante. Ela abre seu coração e sua bolsa suavemente e, ao mesmo tempo, tão poderosamente como a primavera abre as folhas. Esta unção não é um dom de gênio. Não se encontra nas salas de aprendizagem. Nenhuma eloquência pode pretendê-la. Nenhum trabalho pode ganhá-la. As mãos de nenhum prelado podem conferi-la. É um dom de Deus - sinal divino para os Seus próprios mensageiros. É o distintivo do céu dado aos verdadeiros escolhidos e valentes que têm buscado esta honrosa unção através de muitas horas de oração batalhadora e cheia de lágrimas.

O ardor é bom e impressiona; o gênio é um grande dom; o pensamento acende e inspira, mas é necessária uma divina investidura; é necessária uma energia mais poderosa que o ardor, ou que o gênio, ou que o pensamento para romper as cadeias do pecado, para ganhar corações distantes de Deus, para reparar as brechas e restaurar a Igreja levando-a às suas antigas sendas de pureza e poder.

Nada, a não ser esta santa unção, pode fazer isto.

.oOo.

*“Todos os esforços do ministro serão vãos ou pior que vãos se ele não tiver a unção. Esta deve descer do céu e deixar um sabor, um sentimento e um prazer sobre o seu ministério. E, entre outros meios que a qualificam para a sua função, a Bíblia deve ter o primeiro lugar, mas o último também deve ser dado à Palavra de Deus e à oração”*

**Richard Cecil**

No sistema cristão, a unção é o ungimento do Espírito Santo, separando-o para a obra de Deus e qualificando-o para ela.

Esta unção é a habilitação divina pela qual o pregador realiza os trabalhos peculiares e salvadores da pregação. Sem esta unção não há verdadeiros resultados espirituais; os resultados espirituais e impulsos da pregação não se verificam através de discursos não santificados.

Esta unção divina sobre o pregador gera, por meio da Palavra de Deus, os resultados espirituais que fluem do Evangelho e, sem esta unção, não se conseguem estes resultados.

Muitas impressões agradáveis podem-se fazer, mas todas elas estão fora das finalidades da pregação do Evangelho. Esta unção pode ser simulada. Há muitas coisas que se parecem com ela, mas elas são estranhas a seus resultados e à sua natureza.

O fervor ou ternura excitados por um sermão patético ou emocional podem parecer semelhantes sob movimentos da unção divina, mas eles não são forças comoventes penetrantes, angustiadoras. Nenhum bálsamo curativo para o coração há nestes movimentos superficiais, simpáticos, emocionantes; não são radicais, não descobrem o pecado e nem o cobrem.

E é uma das distinções que separa a pregação do verdadeiro Evangelho de outros métodos de apresentação da verdade. Esta unção respalda e compenetra a verdade revelada com toda a força de Deus. Ela ilumina a Palavra e amplia e enriquece nosso intelecto e o potencializa para abraçar a verdade. Esta unção respalda e compenetra a verdade revelada com toda a força de Deus. Ela ilumina a Palavra e amplia e enriquece o intelecto, e o potencializa para abraçar e apreender a Palavra.

Esta unção habilita o coração do pregador e o atrai àquela condição de ternura, de pureza, de força que são necessárias para assegurar os mais elevados resultados. Esta função dá ao pregador liberdade e engrandecimento do pensamento e da alma, plenitude e direção da palavra que não podem assegurar-se por nenhum outro processo.

Sem esta unção sobre o pregador, o Evangelho não tem mais poder para propagar-se que outro qualquer sistema. Este é o selo da sua Divindade. A unção no pregador coloca a Deus no Evangelho. Sem a unção, Deus está ausente e deixa-se o Evangelho entregue às forças inferiores e insatisfatórias da ingenuidade, interesse ou talento que os homens podem trazer para projetar e reforçar suas doutrinas.

É neste elemento, mais do que em qualquer outro, que o púlpito mais a miúdo fracassa. Precisamente neste ponto, ele mostra o seu fracasso. Pode ter erudição; o brilhantismo e a eloquência podem encantar e deleitar; a sensação ou os métodos menos ofensivos podem atrair a população em multidão; o poder mental pode imprimir e reforçar esta verdade com todos os seus recursos.

Mas, sem esta unção cada uma e todas estas serão apenas como ondas bravias chocando-se sobre as rochas de Gibraltar. Gotas miúdas e espuma podem cobrir e enfeitar, mas, mesmo assim, as rochas permanecem imóveis e inalteradas. Da mesma maneira como estas rochas permanecem firmes, apesar das fortes investidas do oceano,

assim também é impossível que a dureza e o pecado do coração humano sejam demovidos dele.

Esta unção é a força consagradora e sua presença é a prova contínua da consagração. É esta unção divina sobre o pregador que assegura sua consagração a Deus e à Sua obra. Outras forças e motivos podem chamá-lo à obra, mas somente ela é a consagração. Uma separação para a obra de Deus pelo poder do Espírito Santo é a única consagração reconhecida como legítima por Deus.

A unção, a unção divina, esta unção celestial, é a que o púlpito necessita e precisa ter. Este é óleo divino e celestial é posto no pregador pela imposição das mãos divinas. Ela abranda, lubrifica o homem por inteiro - coração, cabeça e espírito - até afastá-lo para uma separação poderosa de todos os motivos e desígnios terrenos, seculares, mundanos, egoístas e ambiciosos, separando-o para aquilo que é puro e agradável a Deus.

É a presença desta unção sobre o pregador que causa a excitação em muitas congregações. As mesmas verdades têm sido ditas na rigidez da palavra, mas nenhuma agitação tem sido vista, nem dor, nem sentimento algum têm sido sentidos.

Tudo é tranquilo como um cemitério. Outro pregador vem esta misteriosa influência está sobre ele; a letra da Palavra tem sido acesa pelo Espírito, um poderoso movimento é sentido. É a unção que penetra, que agita a consciência e quebranta o coração. A pregação sem unção faz as coisas duras, secas, acres e mortas.

Esta unção não é a memória do passado; é um fato presente, realizado e consciente. Pertence à experiência do homem tanto quanto a sua pregação. É o que o transforma na imagem do seu Divino Mestre; é aquilo pelo qual declara as verdades de Cristo com poder. Esta é de tanto poder no ministério que tudo mais parece fraco e débil sem ela, e sua

presença compensa a ausência de todas as demais forças mais fracas.

Esta unção não é um dom que alguém possa transferir para outro. É um dom condicional e sua presença se perpetua e aumenta pelo mesmo processo pelo qual foi primeiramente obtido: por oração incessante a Deus, por apaixonados desejos pró Deus, por estimá-la, por buscá-la com incansável ardor, por considerar tudo mais sem valor por amor dela.

Como e onde se obtém esta unção? Diretamente de Deus em resposta à oração. Corações de oração são os únicos corações que são repletos desde azeite; lábios de oração são os únicos que são ungidos com esta unção divina.

Oração, muita oração, é o preço na pregação. Oração, muita oração é a única condição para conservar esta unção. Sem oração incessante, a unção nunca vem ao pregador. Sem perseverança na oração, a unção é semelhante ao maná guardado: cria vermes.

.oOo.

## 17

*“Dê-me cem pregadores que não temem nada a não ser o pecado e não desejam nada a não ser Deus e não me importo se eles são clérigos ou leigos. Os tais farão temer as portas do inferno. Deus não faz nada a não ser em resposta à oração”*

**John Wesley**

Os apóstolos conheceram o valor e a necessidade da oração para o seu ministério. Eles reconheceram que sua elevada comissão como apóstolos, em lugar de livrá-los de

sua necessidade de oração, os comissionava a ela, por uma necessidade mais urgente. Assim, eles foram extremamente zelosos para que nenhum outra obra importante tomasse seu tempo e os privasse da oração, como deviam fazer.

Deixaram por conta dos outros o delicado e absorvente trabalho de ministrar aos pobres a fim de que eles (os apóstolos) pudessem, sem impedimento, consagrarse “à oração e ao ministério da Palavra” (Atos 6.4).

A oração estava para eles em primeiro lugar e seu relacionamento com a oração fica evidente, ocupando-se com ela, pondo fervor, urgência, perseverança e tempo nela. E como os santos apóstolos se consagraram à divina obra da oração! “Orando noite e dia”, diz Paulo (1 Tessalonicenses 3.10). É o consenso da devoção apostólica.

Como estes pregadores do Novo Testamento deram-se a si mesmos à oração a favor do povo de Deus! E como eles fizeram com que Deus agisse em plena força, por sua oração!

Estes santos apóstolos compreenderam que eles desempenhariam seus elevados e solenes deveres por comunicar fielmente a Palavra de Deus, mas sua pregação foi feita para permanecer e produzir efeito pelo ardor e insistência de sua oração.

A oração apostólica foi tão esmagadora, laboriosa e imperativa como a sua pregação apostólica. Eles oraram poderosamente dia e noite para atrair seu povo às mais elevadas regiões de fé e santidade. Eles oraram mais poderosamente para preservá-los nesta elevada altitude celestial.

O pregador que nunca aprendeu na escola de Cristo a elevada e divina arte da intercessão por seu povo nunca aprenderá a arte da pregação, ainda que a Homilética seja despejada nele às toneladas e ainda que ele seja o gênio mais dotado em fazer e pregar sermões.

As orações de líderes santos e apostólicos fazem muito em tornar santos aqueles que não são apóstolos. Se os líderes da igreja tivessem, nos anos posteriores, sido tão exigentes e fervorosos em orar a favor do seu povo como o foram os apóstolos, os tristes e escuros tempos de mundanismo e de apostasia não teriam prejudicado a história da Igreja e eclipsado a glória divina e detido o avance da Igreja. A oração apostólica faz santos e conserva os tempos apostólicos de pureza e poder na Igreja.

Que sublimidade de alma, que pureza e elevação de motivos, que desinteresse, que sacrifício pessoal, que trabalho esgotante, que ardor de espírito, se requer para ser intercessor dos homens!

O pregador deve entregar-se a si mesmo à oração por seu povo; não simplesmente para que eles possam ser salvos, mas para que sejam poderosamente salvos. Os apóstolos entregaram-se a si mesmos em oração para que os santos pudessesem ser perfeitos; para que não pudessesem ter apenas um pouco de prazer nas coisas de Deus, mas para que “fossem cheios de toda a plenitude de Deus”.

Paulo não confiava apenas em sua pregação apostólica para este fim, ms, para isto, dizia: “Me ponho de joelhos diante do Pai” (Efésios 3.14).

A oração de Paulo, mais do que a pregação de Paulo, levou seus convertidos além da elevação calcada da santidade. Epafras fez tanto ou mais pela oração a favor dos santos de Colossos do que a sua pregação. Ele trabalhou fervorosamente sempre em oração por eles para que se conservassem “perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus” (Colossenses 4.12).

Os pregadores são pre eminentemente líderes de Deus. Eles são responsáveis pelas condições da Igreja. Eles moldam seu caráter e dão o tom e direção à sua vida.

Muito, em todos os aspectos, depende destes líderes. Eles formam os tempos e as instituições. A Igreja é divina, o tesouro que encerra é celestial, mas traz a impressão do humano. O tesouro está em vasilhas de barro e absorve o gosto do barro.

A Igreja de Deus será o que seus líderes sejam; espiritual, se eles forem assim; secular, se eles o forem; unida, se eles o forem também. Os reis de Israel influenciaram na piedade de Israel. Uma igreja raramente se revolta contra os seus líderes. Líderes poderosamente espirituais, homens de poder santo são símbolos do favor de Deus; desastre e fraqueza são as consequências de seguir líderes sem firmeza ou mundanos. Israel tinha descido muito ao dar Deus meninos para serem seus príncipes e mulheres para governá-los.

Nenhum estado de felicidade é predito pelos profetas quando as crianças oprimem o Israel de Deus e as mulheres governam. Tempos de direção espiritual são tempos de grande prosperidade espiritual para a Igreja.

A oração é uma das eminentes características de uma direção espiritualmente forte. Os homens de poderosa oração são homens de poder. Seu poder com Deus segue o caminho da conquista.

Como pode um homem pregar se não conseguiu sua mensagem refrescante de Deus na câmara secreta? Como pode ele pregar sem ter sua fé avivada, sua visão clareada e seu coração em brasa por sua estreita união com Deus? Ai do púlpito cujos lábios não são tocados por esta chama da câmara secreta! Áridos e sem unção serão sempre a verdades divinas e nunca virão com poder de semelhantes lábios. Até onde os verdadeiros interesses da religião dizem respeito a um púlpito sem uma câmara secreta sempre será uma coisa estéril.

Um pregador pode pregar de maneira oficial, divertida ou erudita sem oração, mas, entre este modo de pregação e de

semeia a semente preciosa de Deus, e com as mãos santas e corações cheios de lágrimas e de oração, há uma distância infinita.

Um ministério falto de oração é o empresário fúnebre para toda a verdade de Deus e para a Igreja de Deus. Ele pode ter o mais caro ataúde e as mais belas flores, mas é um funeral, apesar da pompa encantadora.

Um irmão falto de oração nunca aprenderá a verdade de Deus; um ministério falto de oração nunca será capaz de ensinar a verdade de Deus.

Tempos de glória milenar têm sido perdidos por uma Igreja falta de oração. A vinda de nosso Senhor tem sido postergada indefinidamente por uma Igreja falta de oração.

O inferno tem sido preenchido e têm sido habitadas suas horrendas cavernas por causa de um serviço morto de uma Igreja falta de oração.

A melhor, a maior oferta é uma oferta de oração. Se os pregadores de nosso século querem, aprender bem a lição da oração e usar plenamente o poder dela, estaremos antecipando as bênçãos divinas. “Orai sem cessar” é a chamada ao clarim para os pregadores de nossos dias.

Se nosso século quer conseguir seus textos, seus pensamentos, suas palavras e seus sermões em suas câmaras secretas, o século seguinte encontrará um novo céu e uma nova terra. O céu e a terra velhos e corruptos terão passado sob o poder de um ministério de oração.

.oo.

## 18

*“Se alguns cristãos que têm reclamado de seus ministros tivessem falado menos diante dos*

*homens e se tivessem dedicado mais a Deus em oração por seus ministros, teriam estado mais perto do caminho da vitória. Teriam levantado e assaltado o céu com suas humildes, fervorosas e incessantes orações por eles”*

**Jonathan Edwards**

De alguma maneira, a prática de orar em particular pelo pregador tem sido esquecida. De vez em quando, temos ouvido tal prática denunciada como um descrédito ao ministério, sendo esta declaração pública feita pelos que declararam a ineficiência do ministério.

A oração particular ofende o orgulho da erudição e da própria suficiência e estas devem ofender-se e recriminar-se por um ministério que está tão abandonado.

A oração, para o pregador, não é simplesmente um dever próprio da sua profissão, um privilégio, mas é uma necessidade.

O ar não é mais necessário para os pulmões do que a oração para o pregador. É absolutamente necessário para o pregador orar. É uma necessidade absoluta que o povo de Deus ore pelo pregador.

Estas duas proposições estão intimamente ligadas: o pregador deve orar e o povo deve orar pelo pregador.

Será necessária toda a oração que ele possa fazer e toda a oração que possam fazer por ele para enfrentar as enormes responsabilidades e conquistar o maior êxito na grande obra da pregação.

O que o verdadeiro pregador anela veementemente são as orações do povo de Deus.

Quanto mais santo seja o homem, quanto mais ele estime a oração, mais claro ele vê que Deus dá de Si mesmo aos que

oram e que a medida da revelação de Deus à alma é a medida da oração veemente, inoportuna da alma a Deus.

A salvação nunca encontra seu caminho para um coração cm falta de oração. O Espírito Santo não tem prazer num coração falso de oração. A pregação nunca edifica uma alma falso de oração. Cristo não gosta de uma alma falso de oração. O Evangelho nãopode ser projetado por um pregador falso de oração. Dons, talentos, educação, eloquência, chamado de Deus, não suprem a falta de oração, mas somente intensificam a sua necessidade para o pregador. Ore pelo pregador.

Quanto mais abertos estejam os olhos do pregador à natureza, responsabilidade e dificuldades de sua obra, tanto mais ele verá a necessidade da oração e, se ele for um verdadeiro pregador, tanto mais, a sentirá; não somente o aumento de oração de sua parte como também a necessidade de chamar outros a ajudá-lo com suas orações.

Paulo é um exemplo disso. Se alguém podia projetar o Evangelho por forças pessoais, pelo poder do seu cérebro, por cultura, por graça pessoal, por comissão apostólica, por chamado extraordinário de Deus, este homem seria Paulo.

Que o pregador deve ser um homem entregue à oração, disso Paulo é um exemplo. Que o verdadeiro pregador apostólico deve receber a seu favor as orações de outros bons irmãos para dar a seu ministério completo êxito, Paulo é um exemplo preeminent. Ele pede, anela, advoga de maneira apaixonada a ajuda de todos os santos de Deus.

Ele sabia que, na esfera espiritual, como que qualquer outro setor, a união faz a força; que a agregação e a concentração de fé, desejo e oração aumentou a intensidade de força espiritual até o ponto de ser irresistível em seu poder. A combinação de unidades de oração, semelhantes a gotas de água, fazem um oceano que desafia a sua resistência.

Assim, Paulo com sua clara e plena apreensão da dinâmica espiritual, determinou fazer um ministério tão eterno, tão irresistível como o oceano pelo acúmulo de todas as unidades dispersas de oração, precipitando-as sobre seu ministério.

Será que a preeminência de Paulo em trabalhos e em resultados e sua impressão na Igreja e no mundo não são o resultado pela centralização de corações nele, mais do que em outros?

A seus irmãos de Roma, ele pede: “Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor” (15.30).

Aos efésios ele diz: “Orando em todo o tempo no Espírito... para que seja dada, no abrir da minha boca, a palavra” (6.18-19).

Aos colossenses enfatizou: “Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra a porta à Palavra” (4.3).

Aos tessalonicenses, sutilmente lhes pede: “Irmãos, orai por nós” (1 Tessalonicenses 5.25).

À igreja em Corinto, Paulo também pede ajuda: “Ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor” (2 Coríntios 1.11).

Ao encerrar sua carta aos tessalonicenses lhes diz acerca da importância e necessidade das orações: “Irmãos, orai por nós, para que a Palavra do Senhor se propague” (2 Tessalonicenses 3.1).

Inculca aos filipenses que todas as suas aflições e oposição e a extensão do Evangelho dependiam de suas orações por ele: “Em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições” (4.6).

Filemom ia preparar hospedagem para ele, por meio de suas orações. Paulo seria seu hóspede.

A atitude de Paulo sobre esta questão ilustra sua humildade e sua profunda visão interior de forças espirituais que projetam o Evangelho. Mais do que tudo isto, ele ensina uma lição para todos os tempos. Se Paulo dependeu tanto das orações dos santos de Deus para conseguir êxito em seu ministério, quanto maior deve ser a necessidade que os santos de Deus centralizem suas orações sobre o ministério atual!

Paulo não sentiu que esta urgente súplica pela oração era para fazer pouco caso de sua dignidade, ou diminuir sua influência ou desestimar sua piedade. E que importa se o fez? Deixemos a dignidade pessoal de lado, que cesse a influência, que se manche a reputação. Ele precisava das orações do povo de Deus.

Chamado, comissionado, principal entre os apóstolos como era, todo o seu preparativo era imperfeito sem as orações do povo de Deus. Escreveu cartas a todos os lugares, insistindo para que orassem por ele.

Você ora por seu pregador? Ora você por ele secretamente? As orações públicas são de pouco valor a não ser que sejam fundamentadas ou acompanhadas pela oração privada.

Os que oram são para o pregador como Arão e Hur foram para Moisés. Eles sustentaram sua mãos no alto e obtiveram vitória na batalha na qual ferozmente estavam empenhados.

A súplica e o propósito dos apóstolos fizeram a Igreja orar. Eles não ignoraram o lugar que a atividade, a capacidade e as obras religiosas ocupavam na vida espiritual, mas nenhuma, e nem todas elas juntas, na estima apostólica podiam comparar-se à necessidade e urgência da oração.

As mais sagradas e urgentes súplicas foram empregadas, as mais fervorosas exortações, as mais compreensivas e despertadoras palavras foram empregadas para reforçar a mais importantíssima obrigação e necessidade: a oração.

“Orem os homens em todo lugar” é a recomendação do esforço apostólico e a nota chave do êxito do mesmo. Jesus Cristo se tinha esforçado para fazer isto, nos dias de seu ministério pessoal. Da mesma maneira como Ele foi movido por infinita compaixão aos campos maduros da terra que perecem por falta de semeadores, procurou despertar as estúpidas sensibilidades de Seus discípulos para com o dever de orar, conforme lhes disse: “Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara” (Mateus 9.38). “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (Lucas 18.1).

.oo.

## 19

*“Este apressamento constante de ocupações e de visitas arruínam a alma e o corpo. Eu creio que tenho estado normalmente concedendo pouco tempo para os exercícios religiosos, como devoção particular, meditação religiosa e leitura das Escrituras. Eu sou fraco, frio e duro. Deveria separar duas horas diariamente para isto. A experiência de todos os bons confirma que, sem uma medida de devoção privada, a alma crescerá muito pobre. Mas tudo pode ser feito por meio da oração. Por isso, orai, orai, orai!”*

**William Wilberforce**

Nossas devoções não se medem pelo relógio, mas o tempo está em sua essência. A habilidade para esperar, e deter-se, e

pressionar, pertencem essencialmente a nossa comunhão com Deus.

Em todo lugar se vê que a precipitação é imprópria e danosa na ocupação da comunhão com Deus. Devoções curtas são a ruína da profunda piedade.

Quietude, alcance, fortaleza não são nunca os companheiros da precipitação. Devoções curtas esvaziam o vigor espiritual, corroem os fundamentos espirituais, anuviam a raiz e a flor da vida espiritual.

Elas são a origem danosa da apostasia, a segura indicação de uma piedade superficial. Elas defraudam, e apodrecem a semente e empobrecem o terreno.

É verdade que as orações bíblicas em palavras impressas em nossa Bíblia são curtas, mas os homens de oração da Bíblia estiveram com Deus durante horas de luta, doces e santas. Eles ganharam com poucas palavras, mas com longa espera. As orações de Moisés registradas podem ser curtas, mas ele orou a Deus com jejum e poderoso clamor por quarenta dias e quarenta noites.

A exposição de Elias pode ser condensada em poucos e breves parágrafos, mas, sem dúvida, quem estava orando empregou muitas horas mais de dura luta e elevada comunhão com Deus antes que ele pudesse, com toda a intrepidez, dizer a Acabe: “Nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1 Reis 17.1).

O sumário verbal das orações de Paulo é curto, mas Paulo “orava dia e noite com instância”. O “Pai Nosso” é um divino resumo para lábios infantis, mas o Homem Jesus Cristo orou muitas noites inteiras antes que Sua obra fosse realizada; e Suas devoções de toda a noite deram à Sua obra um polimento e uma perfeição e ao Seu caráter, a plenitude e a glória de Sua Divindade. A obra espiritual é uma obra desgastante e aos homens repugna fazê-la. A oração, a verdadeira oração, custa muito de séria atenção e de tempo e

ao homem não agrada isto. Poucas pessoas são feitas de tal fibra que quererão fazer tão custoso gasto quanto a oração superficial bem pode ser aceita pelo povo.

Nós mesmos podemos habituar-nos à nossa miserável oração. Ela parece em ordem para nós. Preserva uma forma decente e deixa a consciência repousada. O mais mortal dos narcóticos! Podemos descuidar de nossa oração e não perceber o perigo até que os fundamentos tenham desaparecido. Devoções apressadas são fracas e causam convicções frias e piedade fraca e suspeita,

Estar pouco tempo com Deus é ser pequeno para Deus. As orações curtas fazem o caráter religioso escasso, mesquinho e descuidado.

Necessita-se bastante tempo para o pleno transbordar de Deus em espírito. As devoções curtas cortam o conduto da plena descida de Deus. Precisam de tempo em lugares secretos para conseguir a plena revelação de Deus. Tempo curto e apressado prejudica o relacionamento.

Henrique Martyn lamenta que “a falta de leitura devocional privada e as orações curtas por causa do incessante trabalho de preparar sermões tenha produzido muita estranheza entre Deus e sua alma”. Ele achou que tinha dedicado muito tempo às ministrações públicas e pouco tempo à comunicação privada com Deus. Ele ficou decidido a dedicar-se ao jejum e mais tempo à oração solene.

Como resultado disso, ele prossegue: “Fui auxiliado nesta manhã a orar durante duas horas”. William Wilberforce, companheiro de reis, disse: “Eu devo arrumar mais tempo para as devoções privadas. Tenho estado vivendo em público muito tempo, demais. O tempo limitado das devoções privadas mata a fome da alma e ela cresce pobre e fraca. Tenho estado acordado até mui tarde”. De um fracasso no Parlamento, ele diz: “Deixe-me registrar minha dó e minha vergonha. E todo porque, provavelmente, as devoções

particulares tenham sido encurtadas e Deus me deixou tropeçar". Mais solidão e as horas matinais foram seu remédio.

Mais tempo e as horas matutinas para a oração agiriam magicamente em reviver e revigorar a vida espiritual delicada de muitos. Mas tempo e horas mais matutinas para a oração se manifestariam num santo viver.

Uma vida santa não seria uma coisa tão rara e tão difícil de encontrar se nossas devoções não fossem tão curtas e apressadas. Um temperamento cristão em sua doce e desapaixonada fragrância não seria uma herança tão estranha se nossa permanência na câmara secreta fosse intensificada e alongada.

Vivemos tão mesquinhamente porque oramosmediocremente. Abundância de tempo para festejarmos em nossas câmaras secretas trarão medula e gordura às nossas vidas. Nossa habilidade para estar com Deus em nossa câmara secreta mede nossa habilidade para estar com Deus fora dela. As visitas apressadas à câmara secreta são enganosas e negligentes. Não somente somos enganados por elas, mas somos perdedores por causa delas de muitas maneiras e em muitos ricos legados.

A permanência na câmara secreta instrui, faz triunfar. Somos habilitados por ela e as maiores virtudes são, muitas vezes, os resultados de grandes esperas - esperas até que as palavras e os planos ficam esgotados. E, em espera silenciosa e paciente, ganha-se a coroa.

Jesus Cristo perguntou com ênfase provocativa a Seus discípulos: "Não fará Deus justiça aos Seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?" (Lucas 18.7).

Orar é a maior atitude que podemos ter e para fazê-la bem deve haver quietude, tempo e deliberação. Caso

contrário, degrada-se ao nível das coisas menores e mais insignificantes.

A verdadeira oração tem os maiores resultados e a oração pobre, os menores. Não podemos fazer demais da oração verdadeira; não podemos fazer pouco da falsa.

Devemos apoderar-nos de novo do valor da oração; devemos entrar de novo na escola da oração. Não há nada que tome mais tempo para ser aprendido. Se nós desejamos aprender esta maravilhosa arte, não deveríamos dar fragmentos de tempo, ora aqui, ora acolá - "Uma pequena conversa com Jesus", como as crianças cantam, - mas devemos decidir firmemente usar as melhores horas do dia para Deus e para a oração ou, então, não haverá oração digna de tal nome.

Esta, no entanto, não é uma época de oração. Poucos são os homens que oram. Nestes dias de apressuramento e de afã, de eletricidade e de vapor, os homes não querem separar tempo para a oração.

Há pregadores que "dizem orações" como numa parte de seu programa e em ocasiões regulares ou importantes, mas quem se comove em si mesmo para prevalecer com Deus? Quem ora como Jacó até ser coroado como um intercessor prevalecente e régio? Quem ora como Elias até que as forças da natureza detidas sejam a abertas e uma terra afligida e faminta floresça como o jardim de Deus? Quem ora como orou o Senhor Jesus Cristo que, saindo ao monte orou toda a noite a Deus? Os apóstolos deram-se a si mesmos à oração, sem a qual seu dinheiro é simplesmente uma maldição.

Há abundância de pregadores que pregarão e pronunciarão grandes e eloquentes discursos de reavivamento e de extensão do Reino de Deus, mas há muitos que farão aquilo sem o que toda organização e pregação são coisa vã: a oração.

Não está na moda. É quase uma arte perdida. E o maior benfeitor que esta época poderia ter é o homem que faça voltar à oração aos pregadores e à Igreja.

.oOo.

## 20

*“Eu acho que minha oração é maior que o próprio diabo. Se não fosse assim, a Lutero já lhe teriam acontecido muitas coisas más. No entanto, os homens não veem e nem reconhecem as grandes maravilhas ou milagres que Deus realiza em meu benefício. Se eu descuidasse da oração, nem que fosse por um só dia, perderia grande parte do fogo da fé!”*

**Martinho Lutero**

Os apóstolos, antes do Pentecostes, somente tinham reflexos da grande importância da oração. Mas o Espírito Santo, descendo, vindo e enchendo-os, elevou a oração à sua posição vital e dominante do Evangelho de Cristo. Agora, o chamado a todos santos para a oração é o clamoroso e exigente chamado do Espírito.

A piedade dos santos é feita, refinada e aperfeiçoada pela oração. O Evangelho se move com passo lento e tímido quando os santos não estão em suas orações de manhã e à tarde e por longos tempos.

Onde estão os líderes cristãos que podem ensinar aos santos modernos como orar e pô-los na obra? Sabemos que estamos levantando um grupo de santos faltos de oração? Onde estão os líderes apostólicos que podem levar o povo de

Deus a orar? Deixemo-los vir à frente e fazer a obra e será a mais grandiosa obra que possa fazer-se.

Um incremento das facilidades educacionais e um grande incremento na força monetária será a mais cruel blasfêmia à religião se eles não forem santificados por mais e melhor oração que aquela que estamos fazendo.

Mais oração não virá como coisa natural. Uma campanha para este século não terá sua ajuda de nossa oração, antes a estorvará, se não formos cuidadosos.

Os líderes devem guiar no esforço apostólico para radicar a importância vital e o fato da oração no coração e na vida da Igreja. Somente líderes de oração gerarão santos de oração. Um púlpito de oração gerará bancos de penitentes de oração.

Temos grande necessidade de alguém que possa impulsionar os santos a ocupar-se com a oração. Não somos uma geração de santos de oração. Santos faltos de oração são um miserável grupo de santos que não tem nem o ardor, nem a formosura, nem o poder dos santos. E quem restaurará esta brecha? Quem reúna a Igreja para adoração será o maior dos reformadores.

Creemos que a grande necessidade da Igreja nesta época e em todas as épocas é de homens de fé dominante, de santidade sem mancha, de elevado vigor espiritual, de zelo consumidor, homens cujas orações, fé, vidas e ministério serão de tal maneira radicais e agressivos para operar revoluções espirituais que marcarão uma nova era na vida dos indivíduos da Igreja.

Não queremos dizer homens que permitam agitações sensacionais com projetos originais, nem aqueles que atraem com um entretenimento agradável, queremos dizer homens que podem agitar as coisas e operar revoluções pela pregação da Palavra de Deus e pelo poder do Espírito Santo, revoluções que mudem o estado natural das coisas.

A habilidade natural e as vantagens educacionais não figuram como fatores neste assunto; figuram como fatores a capacidade para a fé, a habilidade para orar, o poder da total consagração, a habilidade da própria nulidade, uma absoluta perda do ego pessoal na busca da glória de Deus e uma constante e insaciável busca da aspiração por toda a plenitude de Deus - homens que possam atear fogo espiritual na Igreja de Deus, não de maneira turbulenta e ostentosa, mas com um intenso e quieto calor que derrete e move todas as coisas para Deus.

Deus pode operar maravilhas se puder encontrar o homem adequado. Os homens podem operar maravilhas se eles podem encontrar Deus para que os guie. A completa doação de espírito que revira o mundo seria eminentemente útil nestes dias.

Homens que podem agitar poderosamente as coisas para Deus, cujas revoluções espirituais mudam o aspecto total das coisas são a necessidade universal da Igreja.

Eles sempre estiveram presentes na Igreja. Eles enfeitam sua história; eles são os milagres sustentadores da divina obra da Igreja; seu exemplo e história são uma inspiração inesgotável e bendita. Um aumento de seu número e poder deveria ser objeto de nossas orações.

O que tem sido feito em matéria espiritual pode fazer-se de novo e melhor ainda. Esta foi a visão de Cristo. Ele disse: “Aquele que crê em Mim, fará também as obras que Eu faço e outras maiores fará” (João 14.12).

O passado não esgotou as possibilidades nem as demandas para fazer grandes coisas para Deus. A Igreja que é dependente de seu passado histórico por seus milagres de poder e de graça é uma Igreja caída.

Deus necessita de homens escolhidos - homens em quem o ego e o mundo têm sido crucificados por uma falência que tem arruinado completamente seu ego e o mundo, de

maneira que não há esperança e nem desejo de restaurá-los; homens que por esta insolvência e crucificação têm-se voltado para Deus com corações aperfeiçoados.

Oremos ardente mente para que a promessa de Deus para orar possa ser mais realizada.

**.oOo.**